

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

A Crise do Discipulado Cristão

Na Igreja Evangélica Brasileira

Ricardo dos Santos Campos Júnior



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

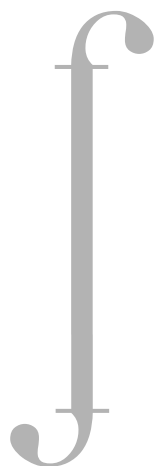
Sumário

Página 07

- 1 A igreja evangélica Brasileira está ensinando e praticando uma vida de discipulado cristão falho.

Página 12

- 2 A igreja evangélica vivência consequências Alarmantes de discipulado.



A Crise do Discipulado Cristão

Na Igreja Evangélica Brasileira



Resumo

Esta pesquisa visa estudar a vida de discipulado nas igrejas evangélicas, expondo algumas atitudes religiosas defasadas por doutrinas errôneas que tem por finalidade a manipulação dos fiéis e a centralização de poder por parte dos líderes religiosos. Toda essa falta de coerência com as Sagradas Escrituras determinaram um fator dominante de sincretismo no meio evangélico.

Fruto do sincretismo, o pragmatismo até então visto em modo empresarial ganha espaço relevante na doutrina da igreja evangélica brasileira proporcionando um chamado para o discipulado cristão falho no qual os líderes eclesiásticos exercem um poder desmedido sobre os fiéis, desvirtuando totalmente os valores cristãos ensinados pelas Sagradas Escrituras. Tais atitudes são transformadas em doutrinas estranhas incorporando o sincretismo religioso ao ensino do discipulado cristão.

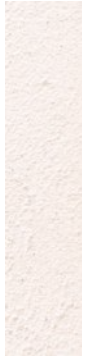
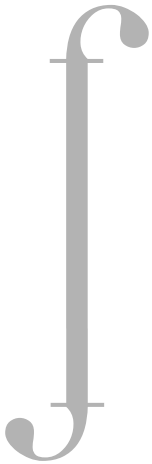
Palavras-chave: Discipulado; Igreja; Sincretismo.

Abstract

Esta investigación tiene como objetivo estudiar la vida del discipulado en las iglesias evangélicas, exponiendo algunas actitudes religiosas obsoletas por doctrinas erróneas cuyo fin es la manipulación de los fieles y la centralización del poder por parte de los líderes religiosos. Toda esa falta de coherencia con las Sagradas Escrituras determinó un factor dominante de sincretismo en el medio evangélico.

Como resultado del sincretismo, el pragmatismo hasta entonces visto de manera comercial gana un espacio relevante en la doctrina de la iglesia evangélica brasileña, brindando un llamado a un discipulado cristiano viciado en el que los líderes eclesiásticos ejercen un poder excesivo sobre los fieles, distorsionando totalmente los valores cristianos enseñados por las Sagradas Escrituras. Tales actitudes se transforman en extrañas doctrinas al incorporar el sincretismo religioso a la enseñanza del discipulado cristiano.

Palabras clave: Discipulado; Iglesia; Sincretismo.



Introdução

Esta pesquisa trata de um tema relevante, tanto do ponto de vista acadêmico, quanto social. Acadêmico porque faz parte de uma abordagem bibliográfica e teológica. No aspecto social, sua importância se verifica com a falta de credibilidade social cristã a qual tem condicionado ao surgimento de escândalos ministeriais com mais frequência e a propagação do pragmatismo religioso que afeta diretamente todo o contexto sociológico, distorcendo o real sentido de ser discípulo de Cristo e sua manifestação de relacionamento com a sociedade.

Em volta deste ambiente que presenciamos hoje no Brasil, grande parte de líderes das igrejas evangélicas estão usufruindo de um poder exacerbado com um total abuso de seu carisma e formas extravagantes, simplesmente para intimidar o público ouvinte, agindo de maneira enfática com valores de superioridade na interpretação desvirtuada das Escrituras Sagradas, assim, ultrapassando todo o senso de humildade, responsabilidade e zelo que caracterizam uma vida de discipulado cristão autêntico que abordaremos o tema.

1 A igreja evangélica Brasileira está ensinando e praticando uma vida de discipulado cristão falho.

Simplesmente, essas agressões são frutos de uma persuasão carismática para apenas ludibriar pessoas carentes e desprovidas de um estudo bíblico mais aprofundado, ao ponto de um endeusamento e uma inefabilidade por parte destes líderes justificarem tais abusos, assim, chegando a um pressuposto no qual “certamente que essa atração, domínio e, muitas vezes, manipulação do ídolo exercidos sobre a fé têm muita a ver com um fator denominado carisma”. (ROMEIRO, 1999, p. 52).

Chegando nesta ideia extrema, líderes religiosos compartilham com seus chamados “discípulos” um poder espiritual hierárquico manipulador, absorvendo qualquer tipo de ensino doutrinário que nada se condiz com os ensinamentos de Cristo, mas sim, em uma ditadura que escraviza e aliena os desprovidos, com total falta de amor, empatia e respeito as escrituras, se adequando a um modelo de relações humanas no qual o “culto à personalidade tem-se repetido também ao longo da história no relacionamento entre os senhores feudais e seus vassalos, entre políticos e povo, e entre ditadores e seus seguidores”. (ROMEIRO, 1999, p. 53).

Toda está manipulação de poder centralizado tem proporcionado aos líderes religiosos a ensinarem que são providos de tais poderes espirituais exasperados, onde não permitem jamais serem questionados a respeito de suas posições doutrinárias ou atitudes éticas, sempre alegando um jargão bastante usado, “não toqueis nos meus ungidos”, descartando toda leitura Bíblica mais detalhada para somente dar proteção e respaldo a seus ensinamentos e atos, não oferecendo nenhuma chance ou oportunidade para a reflexão sobre o comportamento de Cristo e seus ensinamentos.

Basta alguém questionar a posição doutrinária ou ética de algum líder religiosos para que ele ou seus simpatizantes imediatamente lancem mão desta frase para se defenderem. Alguém já disse, com sabedoria, que o poder odeia a crítica e isto é verdade também no meio evangélico. Ao afirmar isso, não estamos defendendo aqui a crítica barata, vingativa, mas, sim, a construtiva, feita de acordo com a Palavra de Deus. (ROMEIRO, 1999, p. 40).

Em meio a este movimento de ensino doutrinário errôneo, é crescente os métodos tais como: o princípio da hereditariedade, que foi adaptado para o ambiente de gestão empresarial, e hoje é bastante frequente nas Igrejas Evangélicas, tendo como regulador de parâmetros a própria parentela para promover um sucessor de seu cargo ou liderança ministerial, desprovido a total capacidade ou chamado do discípulo de Cristo.

Transferindo seu comando para seus herdeiros, filhos ou parentes próximos sem levar em conta a total capacidade ministerial, degradem a capacidade de outros a exercerem de forma prática e essencial seu chamado para uma melhoria de vida cristã na comunidade Evangélica.

Desta forma, Igrejas Evangélicas estão aplicando este tipo de conceito em seu universo eclesiástico, deixando de lado os verdadeiros valores da hierarquia em uma vida de discipulado fidedigno as Escrituras Sagradas, mas sim, dando valor a preceitos seculares empresariais que nada condizem com a formação da Igreja de Cristo:

A igreja que esse líder dirigia, antes de se apossar da nova sede, deveria ter um pastor que a assumisse, em seu lugar. Deu-se início, então, à boataria nos bastidores daquela igreja-denominação, sobre quem seria o sucessor na vaga aberta de pastor presidente. Pois bem, numa das reuniões dirigidas pelo novo presidente daquele conjunto de igrejas irmãs, sua palavra de abertura foi uma mensagem de advertência, mais ou menos nestes termos: “Não querem que vocês fiquem discutindo quem irá me suceder no pastorado da igreja que deixei. Lá está, provisoriamente, o meu vice, até que meu filho assuma a presidência local”. Detalhe: à época do discurso o filho desse pastor contava apenas 15 anos de idade. (PAGANELLI, 2008, p. 64).

Todo este exagero promove uma transfiguração do Reino de Deus em forma de plano empresarial, apenas, para enganar e forçar as pessoas a centralizarem por completo o poder ministerial a um certo tipo de grupo específico ou liderança pré-estabelecida na Igreja Evangélica Brasileira, para jamais saírem de suas posições ministeriais:

A soma do modelo episcopal, com a mentalidade corporativa dentro das igrejas, tem potencializado a ambição latente de muitos pastores. Esse mal tem sido comprovado quando pastores, há anos atuando em alguma igreja local, ou que tenham prestado serviço por muito tempo num determinado campo, modificam o estatuto da Igreja para se desvincularem da sede e impedirem a sucessão por imposição “do alto”. Isso fazem para “justificar” os anos trabalhados e defender-se de algum possível substituto inesperado, quando estiverem no final de sua carreira ministerial. Sente-se à mesa de reunião de pastores de igrejas assim, e o que mais ouvirá é sobre a possibilidade de ascensão, as chances de assumir essa ou aquela igreja maior e com mais recursos esse ou aquele campo mais forte e até mesmo a venda (não, você não leu errado) de

igrejas, com templo, mobiliário, e, evidentemente, os membros e o faturamento. E o que os membros estão fazendo que não se mobilizam? Estão com medo de serem acusados de rebelião? (PAGANELLI, 2008, p. 67).

Para comprovarem este tipo de ensino, usam da ênfase doutrinária na experiência espiritual de relação do homem com Deus, de maneira subjetiva, validando uma espiritualidade inquestionável, descartando toda autoridade da Revelação das Escrituras Sagradas. Assim, o grande destaque está na experiência emocional ou exagero de um poder espiritual elevado, onde tem fermentado as chamadas “batalhas espirituais”, que chega a ser um fator muito atraente ao povo brasileiro, que são atraídos por emoções desenfreadas a um fascínio do sobrenatural exagerado.

Talvez nenhum outro assunto tenha fascinado tanto os evangélicos nos últimos tempos quanto o da batalha espiritual. De repente, o diabo moveu-se para o picadeiro e passou a ser o centro do espetáculo. O fascínio pela guerra espiritual trouxe consigo o desequilíbrio teológico, o sensacionalismo e uma avalanche de reações extra e anti-bíblicas em relação a esse tema, deixando profundas feridas no exército do Senhor. (ROMEIRO, 1999, p.113).

Neste modo de sensacionalismo e em busca de atenção do público ouvinte, chega a ser manifesto todo tipo de fenômeno espiritual fabricado. Um dos mais frequentes é o “cair no espírito”, a qual a pessoa é levada a um frenesi emocional tão extremo, que esta cai ao chão desmaiada, alegando ter sido revestida de um poder sobrenatural imenso, e não consegue de forma alguma se manter de pé. Todo este movimento é uma cópia do que estava acontecendo por volta de 1885 nos Estados Unidos, onde temos os primeiros relatos:

No inglês, é conhecido como “Slain in the Spirit” (Morto no Espírito). Este fenômeno foi verificado nos Estados Unidos através do ministério de Maria B. Woodworthetter por volta de 1885. Depois dela, muitos outros pregadores seguiram tal prática, como Kathryn Kuhlman (de quem Benny Hinn aprendeu), Kenneth Hagin e muitos outros. (ROMEIRO, 1999, p. 71).

Todo este movimento sensacionalista é apenas um dos recursos para líderes obterem o sucesso ou valores monetários que realmente almejam, atraindo as pessoas por uma busca descomedida de milagres não comprovados, e uma caça a qualquer custo pela promessa fácil da prosperidade financeira, prosperidade familiar e etc., convidando um público que almeja apenas uma solução imediata para seus problemas, manifestando assim, o reflexo e exagero do pragmatismo religioso vivido nas igrejas evangélicas:

As campanhas, na verdade, têm sido o grande caça-níqueis em muitas igrejas que conhecemos. Elas não são feitas com o propósito de promover a espiritualidade ou o ensino da Bíblia. Por isso, vale usar qualquer texto bíblico, partes deles ou promessas que a Bíblia não faz, para dar a impressão de que “Deus está no negócio”. Por trás disso esconde-se a intenção de trazer para a igreja, de forma sistemática, as pessoas em determinados dias, conforme a campanha que estejam fazendo, e com isso manter as frequências nos cultos para que o faturamento seja estável o mês todo e as contas fechem no final do período. (PAGANELLI, 2008, p. 91).

Campanhas não passam de propaganda comercial para atrair e fomentar meios para líderes alcançarem seus fins econômicos e conseguirem estabilizar as entradas financeiras nas Igrejas.

Criando um discipulado grosseiro, o ponto principal é o pronunciar verbal e positivamente para obter um impacto espiritual ao declarar “aceito a Jesus”, no que se torna o bastante para a comunhão completa com Deus e o poder de vivenciar de forma próspera e completa em todas as áreas da vida. Na verdade, não passa de uma forma de mascarar o verdadeiro objetivo, que é apenas o ingresso de pessoas em determinadas ideologias ou a fabricação de devotos fiéis que possam sustentar de maneira próspera as Igrejas Evangélicas a qualquer custo.

Este ensino da autoconfissão verbal que atribui poder sobrenatural às palavras (quando bem pronunciadas positivamente para quem tem uma fé verdadeira) pode exercer algo extraordinário na vida de quem as pronuncia, se tornando essencial e crucial na educação em várias igrejas evangélicas.

O discípulo, por sua vez, adquire a condição de alcançar tudo de maneira fácil (riquezas, materiais, saúde e sucesso), obtendo apenas pela forma verbal e positiva, e desfaz toda a adversidade que possa ocorrer na vida de discipulado, buscando a estabilidade em todos os âmbitos sociais, espirituais e até mesmo psicológicos. Consequentemente, o discípulo na perspectiva atual atribui toda pobreza, doença e dificuldades somente ao plano espiritual (Satanás), como também, à falta de fé daquele que confessa Jesus verbalmente ou pela atividade da prática do pecado:

Não há, portanto, espaço para doenças na pregação da confissão positiva. Com base no texto bíblico de Isaías mencionado, a maioria dos pregadores neopentecostais prega que tanto a salvação da alma quanto a saúde física estão totalmente garantidas na morte (expição) de Cristo na cruz. (ROMEIRO, 2005, p. 99).

Toda a dificuldade ou perseguição que o discípulo possa enfrentar foi anulada nos ensinamentos da maior parte das igrejas evangélicas brasileiras. O discípulo agora pende ao total conforto em seguir a Cristo. Na verdade, agora Cristo se molda aos padrões do discípulo e não o discípulo que se molda aos padrões de Cristo, valores são invertidos, pecados são perdoados e não há mais a necessidade para uma vida contínua de santificação e arrependimento diário.

A verdadeira mensagem do evangelho está sendo distorcida, consequentemente, ocasiona falhas a um discipulado sincero e autêntico, modificando toda forma de ensino eficaz e condizente com a doutrina de Cristo e dos Apóstolos exposta no Novo Testamento.

No próximo tópico iremos abordar algumas consequências que um discipulado falho e de doutrinas equivocadas pode ocasionar para quem as realiza e os agravos que a Igreja Evangélica Brasileira vem sofrendo.

f 2 A igreja Evangélica Vivência Consequências Alarmantes de Discipulado.

Vemos de forma clara que a vida de discipulado nas igrejas evangélicas no Brasil foi mercantilizada com padrões que valorizam apenas a entrega total de bens monetários, jamais visando o discípulo que ao escutar a voz de Cristo obedece ao Seu chamado. A prosperidade financeira por si, já se justifica, e o discípulo é avaliado pelo valor de bens materiais que possui e não pela sua pronta entrega de vida a Cristo. Assim, o arrependimento, o amor e a gratidão a Deus estão sendo desvalorizados.

Todo relato pragmático religioso já apresentando, culmina em um ensino que mostra o total desalento a vida de discipulado cristão e amor ao próximo, criando frustrações físicas e emocionais. Quando os valores morais e espirituais não são alcançados, resultam em consequências danosas e em um fardo psicológico bastante perigoso para aqueles que adentram em tais ensinamentos do pseudo-discipulado com total confiança e apego nas igrejas evangélicas.

De acordo com a teologia neopentecostal, a vida do cristão deve ser livre de qualquer problema. Ele deve morar em mansões, possuir carros caros, ter muito dinheiro e muita saúde. Se isso não ocorrer, estará caracterizada a ausência de fé, a vida em pecado ou então o domínio de Satanás. Em outras palavras, a característica do cristão maduro é a plena saúde física e emocional, além da prosperidade material. (ROMEIRO, 2005, p. 98).

Para aumentar a quantidade de pessoas em suas denominações, os professores, desse modelo de discipulado se afastam do ensino central do evangelho, que é Cristo, e se apegam a ensinamentos de segurança terrena e de uma prosperidade que satisfaça suas necessidades. Isto proporciona falhas de propósitos centrais do cristianismo, ocasionando, uma satisfação momentânea e um discipulado de consumo, sendo atraídos apenas pelos desejos mundanos. Os princípios eternos e de origem extramundana são colocados de lado.

Usufruindo de metodologias de ensinamentos mecanizados com certo pragmatismo

religioso, a igreja evangélica está conseguindo um aumento considerável de discípulos que se vinculam a massa religiosa, onde a “versão do evangelho está feita sob medida para as 'maiorias de consumo', além de se tornar 'um produto de venda fácil' na sociedade de consumo”. Representa um destes “falsos evangelhos que tergiversam as Escrituras e colocam o homem no lugar de Deus”. (PADILLA, 2012, p. 94).

Produzindo desta forma uma religião de consumo e ocasionando um discipulado vazio com valores de custo e benefício que mais se assemelham a um plano empresarial de vendas.

O que tem repercutido nas igrejas evangélicas é um antropocentrismo, onde a tendência é anunciar a autossuficiência humana desqualificando totalmente a confiança que o discípulo deposita na suficiência de Cristo, assim, distorcendo a dependência da graça de Deus e o valor do sacrifício de Cristo a qual nos chama ao arrependimento e fé. Desta maneira, o discípulo compreende que tudo o que lhe venha acontecer parte da priori do que ele vai oferecer a Deus com seu próprio esforço e mérito.

Devido este relacionamento com Deus provido de ganho e troca de favores, o discípulo tende a praticar padrões religiosos como os dos antigos monges medievais, que representavam uma vida em comum através de suas experiências e atitudes para desenvolverem um relacionamento subjetivo com Deus, descartando qualquer valor teológico e prático de relacionamento com o próximo, se desvinculando de qualquer empenho para estudar as Escrituras Sagradas, assim, podendo viver um discipulado de forma ampla e satisfatória:

A primeira dessas semelhanças pode ser o foco na experiência, a ausência da Bíblia e o consequente esvaziamento de conteúdo teológico. Sei que alguns místicos citavam a Bíblia, mas vai uma distância muito grande entre fazer isso e desenvolver uma espiritualidade que seja decorrente da teologia bíblica. (NICODEMUS, 2008, p. 81.)

Grande parte deste modelo de espiritualidade ascética e subjetiva é fonte das tendências católicas que a igreja evangélica ainda permeia e não conseguiu romper com seus laços doutrinários. O discípulo abraça a crença popular do senso comum que sustenta a maior parte do misticismo religioso que é praticado nas igrejas, fundamentada na maior parte das vezes em algum objeto sagrado ou adereço religioso, ocasionando um discipulado místico e promovendo um sincretismo religioso na fé cristã:

O catolicismo no Brasil, por sua vez influenciado pelas religiões afro-brasileiras, semeou misticismo e superstições durante séculos na alma nacional, enaltecendo milagres de santos, posse de relíquias, aparições de Cristo e de Maria, unção e santificação de objetos, água benta, entre muitos outros. Há um crescimento espantoso. Hoje, há um crescimento espantoso entre setores evangélicos do uso de copo d'água, rosa ungida, sal grosso, pulseiras abençoadas, pentes santos do kit de beleza da rainha Ester, peças de roupa de entes queridos, oração no monte e no vale, óleos de oliveiras de Jerusalém, água do Jordão, sal do Vale do Sal, trombetas de Gideão, cajado de Moisés... A imaginação dos líderes e a credulidade do povo são ilimitadas. (NICODEMUS, 2008, p. 28).

Neste sistema de sincretismo religioso, tem surgido ensinamentos que apoiam a superstição e o poder místico da maldição ou bênção espiritual devido algum nome específico que lembre alguém. Tal ensino tem desvirtuado um discipulado fidedigno que vemos nas Escrituras Sagradas, reduzindo o evangelho e discipulado a uma mera fé supersticiosa baseada no medo de possíveis maldições espirituais.

Todo este sincretismo religioso tem colocado em dúvida a autoridade das Escrituras Sagradas e ocasiona uma relativização do seu sentido. O discípulo já não tem mais parâmetros para se firmar nos ensinamentos de Cristo, mas sim, em si mesmo ou em algum líder religioso como revelação final:

Um dos efeitos mais destrutivos dessa mentalidade romanista é que pavimentou em vários aspectos o caminho para a entrada do liberalismo teológico no cenário evangélico. Pois o ponto central dessa mentalidade é, em última análise, o enfraquecimento das Escrituras como a Palavra de Deus, a única regra de fé e prática. A autoridade e mediação dos bispos e apóstolos, o uso de objetos ungidos como pontos onde a fé se apoia, a ênfase em determinados pecados em detrimento de outros igualmente condenados na Bíblia serviram para enfraquecer a autoridade das Escrituras dentro do evangelicalismo. (NICODEMUS, 2008, p. 31).

Esta incoerência que está ocorrendo entre o que é ensinado no púlpito e o fato do que a realmente a Bíblia ensina, tem se tornando um ato mais corriqueiro nas Igrejas ao ponto de as pessoas não terem mais como argumentar a favor de uma leitura mais minuciosa das Escrituras Sagradas para extrair ensinamentos corretos para vivenciarem uma vida de discipulado autêntica:

Determinada ocasião, enquanto minha esposa ouvia a pregação e digitava o que ouvia, ela parou o áudio, voltou, ouviu novamente, parou e chamou-me para que ouvisse também. Em outras palavras, o que aconteceu foi algo mais ou menos assim. O pastor estava explicando que Eva havia sido tirada de Adão. Sua tese defendia que a origem dos pecados sempre, ou quase sempre, é sexual, pois Eva havia sido tirada do órgão genital de Adão. Quando o pastor disse isso, foi possível ouvir uma irmã interrompê-lo e dizer: - Mas pastor, a Bíblia diz que Eva foi tirada do lado de Adão, não do órgão sexual dele. Ao que o pastor explicou: - Então, irmã, lado direito, lado esquerdo, lado de cima e lado de baixo. O lado de baixo refere-se à altura onde ficam os órgãos genitais, tanto masculino quanto feminino. (PAGANELLI, 2008, p. 86.)

Devido à ausência teológica, tem sido evidenciado um valor relativo de tipo do ensino que está sendo criado nas Igrejas Evangélicas.

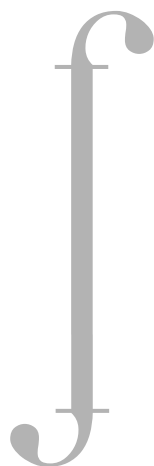
A confusão teológica e o grau de ensino superficial (ao ponto de não passarem de simples escolas bíblicas aos domingos que acabam não desenvolvendo um discipulado concreto e uma formação mais profunda teologicamente) está acarretando a falta de respostas para uma vida de discipulado e várias vezes ocasionando o afastamento do discípulo, sendo que: “o que a igreja não deu a eles em termos de propósito para a vida e de uma perspectiva para entender a história, eles encontraram em um ideal secular que acaba por devorar sua fé ‘ambiental’”. (PADILHA, 2012, p. 137).

Por não ter mais propósitos centrais e respostas sinceras que condizem com uma realidade evidente, o discípulo só consegue se firmar por algum tempo nas comunidades evangélicas, através de normas e padrões pré-estabelecidos ou então por medo de quebras de normas que líderes terminam impondo a respeito do discipulado cristão.

Isto gera no discípulo de Cristo um relacionamento com Deus baseado apenas no medo, conseqüentemente, para não obter algo que possa acontecer de ruim. Logo, a gratidão pelo sacrifício de Cristo que é um dos pontos principais do cristianismo é totalmente abolida de seu cotidiano, dando desprezo à graça de Deus revelada na cruz de Cristo.

Devido a descentralização da cruz de Cristo nos ensinamentos doutrinários nas Igrejas, isto tem acarretado uma grande ênfase no homem, tornando o discipulado distorcido e egocêntrico, onde almeja somente a satisfação própria, anulando todo relacionamento de amor e caridade com o próximo, sendo que o discípulo não consegue observar que “o evangelho é mensagem social, solene e poderosa. É proclamação de solidariedade e irmandade em favor dos pobres”. (HARNACK, 2010, p. 81).

Todo este egocentrismo tem gerado um discipulado nas Igrejas Evangélicas de forma libertina, que líderes repassam valores que não encontram apoio bíblico; ensinam a respeito de casamento sólido, mas já estão no quinto casamento; pessoas que se dizem pastores tendo relações sexuais ilícitas, afirmando que através dos ensinamentos da Bíblia encontraram direcionamento para tal prática; pervertem a graça de Deus e a transformam em uma graça barata, acomodando o discípulo a tais práticas e anulando todo ensino a respeito de santidade e arrependimento, exaltando apenas o perdão de pecados.



Considerações Finais



O discípulo, os conceitos aqui apresentados, termina por não ter coerência alguma com fundamentos das Escrituras Sagradas, esvaindo o valor gracioso do compromisso com Deus e de amor com o próximo. O único pacto que almeja é consigo mesmo.

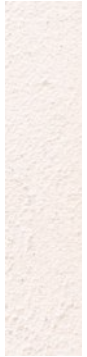
A mente do discípulo foi cauterizada a respeito do pecado e arrependimento e tudo se torna relativo, tanto os ensinamentos como as atitudes, e a consequência se torna alarmante devido a este relativismo da Palavra de Deus: o discipulado cristão passa a se resumir em apenas 'fé da salvação da alma', desta maneira, "a fé sem arrependimento não é a fé salvadora, mas uma 'crendice' presunçosa". (PADILHA, 2014, p. 78).

A justiça de Deus e sua graça, conforme a definição defendida por esse contexto, colaboram fortemente para que as práticas de libertinagem sejam propícias, evidenciando de maneira crescente os escândalos no ambiente cristão e diminuindo toda credibilidade do discipulado autêntico. O discípulo se amolda ao conceito mundano, para ele não há mais nenhuma diferença em seguir a Cristo ou seguir a vida sem arrependimento e uma novidade de mente.

O discipulado não tem compromisso com Cristo e seu Chamado, mas apenas a separação da "fé do arrependimento", os "elementos essenciais" do evangelho dos "não-essências", o querigma da didaquê, a salvação da santificação". (PADILHA, 2014, p. 94).



Referências



BARTH, Karl. **Chamado ao Discipulado**. Tradução de Moisés Carneiro Coelho. São Paulo: Editora Fonte Editorial, 2006.

BONHOEFFER, Dietrich. **Discipulado**. Tradução de Ilson Kayser. 8. Ed. São Leopoldo: Editora Sinodal, 2004.

HARNACK, Adolf Von. **O que é o Cristianismo?** São Paulo: Editora Reflexão, 2010.

NICODEMUS, Augustus. **O que estão fazendo com a igreja**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2008.

PADILLA, C. René. Missão Integral: **O reino de Deus e a igreja**. Tradução de Emil Albert Sobottka e Wagner Guimarães. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2014.

PAGANELLI, Magno. **É Cristã a Igreja Evangélica?** Editora Arte Editorial, 2008.

ROMEIRO, Paulo. **Evangélicos em Crise: decadência doutrinária na igreja Brasileira**. 4. Ed. Editora Mundo Cristão, 1999.

STOTT, John W. R. **O discípulo radical**. Tradução de Meire Portes Santos. Viçosa, MG: Ultimato, 2011.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

A Espiritualidade Trinitária

Marcio de Carvalho Leal



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 05

1 A Espiritualidade
Trinitária

1 A Espiritualidade Trinitária

Para muitos, o termo “espiritualidade” está relacionado apenas ao imaterial ou ao experiencial, num pleno antagonismo ao racionalismo cartesiano. Essa ideia nos apresenta o grande dualismo que envolve o termo.

Entre os católicos, segundo Danilo Mondoni, a palavra “espiritualidade” é descrita como filha da modernidade, por ter sua origem na escola espiritual francesa do século XVII. Segundo Mondoni trata-se da relação pessoal do humano com Deus. [MONDONI, 2002]

No protestantismo, o Conselho Mundial das Igrejas, na década de sessenta a popularizou. Segundo Renders, a palavra ganha destaque entre os protestantes engajados nos movimentos sociais. [RENDERS, 2012]

Do século IX ao século XI, espiritualidade indica realidade e atividade provenientes da graça do Espírito Santo presente no ser humano. É a partir do século XII que seu significado se decompõe, passando a designar aquilo que não é material. [MONDONI, 2002]

Há as mais diversas interpretações sobre espiritualidade, ao sabor dos gostos pessoais. Na verdade, todos pensam poder falar de espiritualidade, mesmo sem competência e consistência em suas falas. Sem dúvida, trata-se de uma palavra de difícil definição por haver diversas perspectivas a partir das quais se pode entendê-la e a realidade a que ela remete.

George Ganss, citando Inácio de Loyola, apresenta a seguinte definição sobre espiritualidade:

Espiritualidade é uma experiência viva, o esforço de aplicar elementos relevantes do depósito da fé cristã para a orientação de homens e mulheres, com vistas ao seu crescimento espiritual, o desenvolvimento progressivo de sua pessoa que floresce em percepção e alegria proporcionalmente maiores. [GANSs, 1991]

O dicionário Novo Aurélio Século XXI apresenta, sobre o termo, a seguinte definição: “Qualidade ou caráter de espiritual. Doutrina acerca do progresso metódico na vida espiritual”. Sobre a palavra espiritual o mesmo dicionário afirma tratar-se sobre o que é “relativo ao espírito”. [FERREIRA, 1999] Com base nessas definições podemos inferir que espiritualidade designa uma qualidade imaterial do ser humano. Ou, como entende o teólogo Hermann Brandt, a espiritualidade “é vista em conexão com um programa metódico, visando aperfeiçoar ou alcançar essa qualidade”. [BRANDT, 2006]

O mesmo doutor Hermann Brandt em seu estudo sobre a espiritualidade cristã, observa que “só era possível dedicar-se ao espírito assumindo uma atitude espiritual fora do mundo, fora da realidade nua e crua. E durante séculos isso significava: desistência da propriedade, renúncia ao poder e luta contra a própria sexualidade”. [BRANDT, 2006]

A espiritualidade não é uma invenção ou herança do cristianismo. Tanto a experiência mística como a vida contemplativa são anteriores ao cristianismo. Sabe-se que entre os pitagóricos, seis séculos antes de Cristo, existiam comunidades contemplativas. [BETO; BOFF, 2008]

Não encontramos a palavra “espiritualidade” ou “espiritual” na Bíblia, porém nela estão presentes seus conteúdos, especialmente no apóstolo Paulo. Em um sentido mais existencial, Paulo, em sua síntese em 1 Cor 15, 44-45; 3, 1-2, fornece ao termo “pneumatikós” uma contraposição ao termo “sarkikós” (carnal) e ao termo “psykikós” (psíquico), para indicar o ser humano animado pelo Espírito de Deus. [SECONDIN, 2002]

De acordo com o Novo Testamento o ser humano “espiritual” (pneumatikós) é animado, transformado e potencializado pelo Espírito de Deus através de uma comunicação caritativa e oblativa. Sendo assim, sua espiritualidade trabalha o sentido mais profundo da vida alterando seu paradigma vital. Desse encontro surge uma nova ética concreta que reorienta as práticas pessoais e sociais, a partir dos ensinamentos de Jesus Cristo. Nas palavras de Catão: “Jesus é o padrão de toda espiritualidade humana”. [CATÃO, 2009] O que nos leva a crer que a espiritualidade cristã é a espiritualidade do amor.

O convite tão insistente de Paulo para que todos vivam como “homens espirituais” (pneumatikói: 1 Cor 2,13; Gl 6,1; Rm 8,9), para que vivam “na santificação até a perfeição: espírito, alma e corpo” (1 Ts 5,23), visa justamente a deixar-se “agir pelo Espírito”, que resgata a pessoa na sua interioridade profunda e radical. Com esta exortação, Paulo quis sintetizar o estilo de vida do cristão: dócil não a uma imposição, conquanto sábia, ou dócil à Palavra meditada, mas dócil ao dinamismo normativo interno, próprio ao Espírito que resgatou radicalmente a vida. [CATÃO, 2009]

A vida, nesta dimensão é dominada pela “lei do Espírito, que dá a vida em Jesus Cristo” (Romanos 8.22). Lembrando o teólogo alemão Jürgen Moltmann, é o Espírito da Vida atuando no ser humano, alterando sua existência como nova criatura, que inclui materialidade e corporeidade na salvação, formando um ser humano integral envolvido numa salvação real.

Portanto, podemos definir a espiritualidade cristã como àquela que se refere à busca por uma experiência cristã autêntica e satisfatória, baseada na fé, nos valores e princípios de vida.

Na definição simples fornecida por Alister E. MacGrath a espiritualidade cristã “significa viver o encontro com Jesus Cristo”. [MACGRATH, 2008]

Segundo Francisco Catão, antropologicamente falando, a espiritualidade cristã se constrói sobre o desejo do homem por Deus, embora, ainda segundo Catão, essa mesma espiritualidade seja fundada numa experiência de vida, antes mesmo de se conceber como uma confissão de fé. [CATÃO, 2009]

Dietrich Bonhoeffer, no século XX, descreve a espiritualidade cristã como o seguimento de Jesus. Ou seja, envolve o discipulado e o serviço no mundo secular. [RENDERS, 2012] Esta é a espiritualidade comprometida com a história, em sua concretude, e por isso, comprometida com a vida em toda a sua amplitude humana. Uma espiritualidade da vida ensinada por Jesus. Nos evangelhos vemos a expressão concreta de uma espiritualidade ensinada por Jesus, quando orava, mas também alimentava os famintos, curava os enfermos e expulsava os demônios.

Embebido dessa espiritualidade integral, não podemos mais falar da vida sem nos erguermos contra o sistema que estruturalmente alimenta-se da morte. A violência, como contraposição à vida, não está restrita ao tambor de um revólver, mas na exploração do trabalhador, na negação dos direitos humanos, na exclusão dos pobres e marginalizados de serem vistos e tratados como humanos que são. Precisamos entender que para expressarmos nossa espiritualidade cristã, "... a pessoa humana, imagem de Deus, é chamada a trabalhar o mundo para transformá-lo em morada digna dos seres humanos". [PEDROSA-PÁDUA, 2010]

Aurélio Agostinho, o bispo de Hipona, conhecido como Santo Agostinho é uma das figuras mais importantes no desenvolvimento do cristianismo ocidental. Além disso, foi um grande teólogo da Santíssima Trindade. Depois de tanto pensar e escrever, Agostinho chegou à conclusão de que é impossível entender completamente o Deus Uno e Trino da fé cristã. Mas compreendeu que seria possível conhecê-lo na medida em que ele mesmo revela seu Ministério aos corações sedentos e amorosos que O buscam.

Nossa espiritualidade deve tomar forma concreta na história e não ser apenas contemplativa, que por vezes leva a uma fulga mundi, não produzindo, de fato, uma espiritualidade. Somente através de uma inserção real na história humana, como somos desafiados pela Missio Dei, entendendo que o evangelho todo deve ser levado a todo homem e ao homem todo, venceremos as tendências esotéricas imanentes em nós, que nos leva a olharmos apenas para o nosso próprio umbigo.

A espiritualidade cristã, como bem ensina Catão, "é a acolhida pessoal de Jesus em nossas vidas, pautada por três momentos principais", a conversão, o seguimento e a comunhão definitiva com Jesus no Espírito. [CATÃO, 2009]

Assim, todas as nossas reflexões sobre o tema devem ser geradas a partir desse encontro pessoal com o Senhor Jesus e do acolhimento do Espírito da vida, que nos anima para cumprirmos as exigências de seu seguimento e assumirmos uma vida em seu Reino.

Pelo fato de experimentarmos um encontro pessoal com Jesus, a espiritualidade cristã traduz-se na espiritualidade em que Jesus ocupa o centro de nossa vida, através de um encontro em que ele mesmo toma a iniciativa, nos chamando a participar de sua vida, na concretude histórica de um mundo cada vez menos cristão.

As formas de viver o seguimento de Jesus, ou seja, de expressar essa espiritualidade dependem dos condicionamentos culturais, em grande parte, como construto humano-histórico-cultural. Porém, precisa ser vivenciada na concretude de nossa vocação à comunhão com Deus. [CATÃO, 2009]

Assim, para desenvolvermos o seguimento de Jesus, ou seja, assumirmos uma espiritualidade genuinamente cristã, como discípulos e discípulas do mestre é necessário aplicar em nossas vidas as mesmas palavras do apóstolo Paulo:

Explico o que aconteceu comigo: tentei guardar regras e me esforçar para agradar Deus, mas isso não funcionou. Então, desisti de ser um “homem da lei” para me tornar um “homem de Deus”. A vida de Cristo me mostrou como fazer isso e me deu capacidade de viver assim. Eu me identifico totalmente com ele.

Parece que Paulo entendeu que colocar toda vida nas mãos do Pai é a característica central da forma de viver de Jesus e, portanto, da espiritualidade cristã, e não ensimesmar-se em contemplação a-histórica através de uma fuga do presente, que revela desigualdades e carências as mais diversas.

A espiritualidade de Jesus é percebida através de sua vida de oração, alimentando-se da vontade do Pai, mas também através da forma com que tratava as pessoas, praticando a justiça e tendo por paradigma o amor, mesmo em relação aos seres humanos mais desprezíveis.

Ou seja, a espiritualidade cristã nos leva, animados pelo Espírito da Vida, ao seguimento de Jesus, propondo que tomemos uma forma crística, alimentando-nos da vontade do Pai e construindo uma vida de descentramento do ego, mas de doação a Deus e ao próximo.

De certa forma esse foi o motivo básico da denúncia dos reformadores do século XVI, pois defendia-se uma pertença à Igreja, mas não se considerava o modo de viver no Espírito de Jesus, desconsiderando a espiritualidade desse relacionamento pessoal com Cristo, que se funda na fé expressa em atitudes reais e cotidianas.

No centro da espiritualidade protestante está a profunda experiência com Deus, Pai, Filho e Espírito Santo, que liberta o ser humano do domínio do pecado, justificando-o por plena e gratuita iniciativa divina. Pela graça somos justificados e capacitados a assumir um viver no Espírito de Cristo.

A questão que surge diante do exposto é a percepção de uma espiritualidade cristã deformada e o surgimento da seguinte indagação: como viver uma espiritualidade cristã saudável nas condições atuais, inserido na cultura e na mentalidade de nosso tempo? Sem dúvidas a Trindade nos confere um grande sinal que precisa ser, mais que compreendido, imitado.

Sabemos haver muitas perguntas sobre a Trindade. E muitas sem respostas. Uma especulação que me permito é dizer que talvez a Trindade não deva ser explicada, mas imitada. Esta é a tese que nos propomos, humildemente, a pensar.

Jesus viveu na terra como homem, humano em tudo, menos na desumanidade do pecado. Foi o único verdadeiramente humano porque era Deus, um Deus feito ser humano. Amou os pobres, acolheu os pecadores, valorizou as mulheres, curou os doentes e perdoou os inimigos. Sempre olhou o ser humano através das lentes da integridade. Com ele estavam o Pai, a referência absoluta para sua existência e o Espírito Santo, que o possuía plenamente. [BINGEMER; FELLER, 2003]

A compreensão trinitária de que Deus existe como Pai, Filho e Espírito Santo nos evidencia que Deus se relaciona para fora e para dentro, e em seu comportamento revela seu ser. Como observa Bingemer: “Deus revela o que é: amor, comunhão de três diferentes pessoas”. [BINGEMER; FELLER, 2003]

Assim percebemos que uma característica do Deus Triúno é a socialidade, pois o Deus trino é comunidade em Seu Ser. Como se observa através da revelação de Deus à Israel no Antigo Testamento e plenamente em Jesus Cristo, o Deus Triúno é solidário, comunitário e social. [BINGEMER; FELLER, 2003]

A nossa fé nos faz crer que o Deus trino é um Deus de comunhão. E é comunhão exatamente porque é Trindade de Pessoas. “Eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão. A comunhão é expressão do amor e da vida. Vida e amor, por sua própria natureza, são dinâmicas e transbordantes. Sob o nome de Deus devemos entender, portanto, sempre a Trindade, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo. [BOFF, 1986]

A visão do Deus trino como Communio, apresentada pelo teólogo católico Greshake, traz à discussão o mistério da koinonia trinitária. Olhar Deus como Communio é pensar em um intercâmbio trialógico de amor existente entre as três pessoas divinas. [GRESHAKE, 2001]

Communio em princípio, significa comunidade, porém remete em primeiro lugar, à raiz Mun, que significa fortificação e Moenia, muralha. Neste sentido, remete à pessoas que se encontram em comunhão e estão juntas por trás de uma fortificação comum, ou seja, estão unidas pelo mesmo espaço vital. Este espaço é demarcado e une as vidas destas pessoas em comum, de forma que uma depende da outra. Em segundo lugar (com) munio faz referência à raiz mun, que é refletida na palavra latina múnus, que significa tarefa, serviço ou também graça, dom, recompensa. Assim, o que está em communio está obrigado a um serviço mútuo, mas de tal forma que este serviço é precedido de um dom de antemão, que se recebe para passá-lo a outro. Como observa Greshake: "... communio não é de modo algum um conceito estático, como poderia sugerir a tradução 'comunidade', mas uma realidade dinâmica: é sempre ao mesmo tempo a comunicação, communio no processo de sua realização, vida". [GRESHAKE, 2001]

Greshake vê o Deus cristão como communio, que realiza seu ser no diálogo de amor entre as três pessoas. Assim, a trindade supera a solidão e o isolamento, como também a divisão, a exclusão e todas as formas de narcisismo, uma vez que transcende a simples diferença e junta os dois em uma comunidade. Desse modo, o uno e o muito, unidade e diversidade, sem reduzir-se uma à outra, constitui a unidade da communio. [GRESHAKE, 2001]

A essência divina é aquilo que acontece "em" e "entre" as três pessoas. É aquilo que é realizado em e pelas três pessoas em comum, cada uma de maneira distinta: é o conteúdo de seu ser-pessoal e de sua pericórese interpessoal.

Para explicar melhor esta comunhão entre as Pessoas da Trindade, a teologia cristã criou a expressão pericórese (grego), que em latim é traduzida como circumincesso ou circuminsessio. Esta expressão, usada para expressar a perfeita comunhão entre as três Pessoas da Trindade, significa:

[...] a relacionalidade típica do Deus trinitário como amor que se comunica e ajuda a entrever no Deus-Comunhão o ícone de comunidade dos homens chamada a fazer da experiência humana familiar, social, pessoal, um reflexo da circulação pericorética do amor do Deus de Jesus Cristo. [NETO; MACHADO, 2003]

A comunhão existente na Trindade vem ao encontro dos anseios de igualdade e de respeito às diferenças que têm marcado a luta de homens e mulheres no decorrer das eras. Na Trindade, embora todos sejam diferentes, em sua pericórese vivem em perfeita comunhão.

O teólogo reformado alemão, Jürgen Moltmann vê na história de Jesus Cristo a ação conjunta do Deus Triúno:

A Trindade, reconhecível nas fórmulas do envio, possui uma configuração analógica. O Pai envia o seu Filho. O Filho é enviado por seu Pai. Através do envio, a comunhão do Pai e do Filho se torna tão ampla, a ponto de estender-se aos homens, para que estes participem da filiação de Jesus e, no Espírito, invoquem o Pai. No chamado de Jesus não se revela apenas o envio de um profeta ou do Messias, mas precisamente o envio do Filho. No envio do Filho, Deus diferencia-se de si mesmo e se entrega. O envio do Filho, portanto, funda-se em um movimento que se opera na própria vida divina, não apenas para fora. Ele procede da diferenciação trinitária da unidade divina. Não há como entender de outra forma o envio do Filho pelo Pai. Na história do Filho, a Trindade apresenta os seguintes elementos: o Pai envia o Filho, através do Espírito. O Filho procede do Pai, na força do Espírito. O Espírito conduz os homens ao seio da comunidade do Filho como o Pai. [MOLTMANN, 2011]

Em sua concepção trinitária, Moltmann estabelece a própria criação como ação do Deus Triúno. Segundo o teólogo de Hamburgo Deus-Pai cria porque ama o Filho e enxerga o mundo através do seu Filho. Cria os homens e mulheres com a intenção de manter comunhão com seu Filho. Por isso, o Filho é o mediador da criação. Cria pelas forças e energias do seu próprio Espírito e através do Filho.

Na criação, toda a atividade parte do Pai. Dado porém que o Filho, como o Logos, e o Espírito, como a força, participam dela a seu modo, mas em igual medida, a criação deve ser atribuída à unidade do Deus uno e trino. No seu amor criativo Deus se une ao seu outro, qual seja a criação, dotando-o de espaço, tempo e liberdade, no âmbito da sua vida infinita. [MOLTMANN, 2011]

Para Moltmann, o Novo Testamento é a revelação de Deus através das relações trinitárias. “Novo Testamento fala de Deus, na medida em que narra e anuncia as relações comunitárias, extensivas ao mundo, entre o Pai, o Filho e o Espírito Santo” [MOLTMANN, 2011]. Jesus é o revelador desta Trindade.

Jesus anuncia o Senhor do reino vindouro como sendo seu Abba. A revelação de Deus como sendo seu Pai constitui a mensagem nova e única de Jesus. Neste reino, Deus não é o Senhor, mas o Pai misericordioso. Não há servidores, mas filhos de Deus, livres; não se pergunta pela obediência e pela submissão, mas pelo amor e livre participação. [MOLTMANN, 2011]

O significado soteriológico da filiação de Jesus é a transmissão da filiação através do envio do Espírito. Jesus estabelece uma relação de filiação inclusiva com o Pai, mas há uma diferença fundamental entre a filiação de Jesus e a dos crentes: Uma é envio e a outra é recepção. [MOLTMANN, 2011]

Na Paixão do Filho estas relações vitais da Trindade são rompidas, pois o Pai abandona o Filho. Então, não apenas o Filho perde sua filiação, mas também o Pai perde a sua paternidade. Ocorre um distanciamento entre Deus e Deus. Jesus se faz fruto do pecado e traz o inferno para dentro de si e experimenta a consequência do pecado.

"O Pai abandona o Filho 'por nós', isto é, para tornar-se Deus e Pai dos abandonados". [MOLTMANN, 2011] O Calvário atinge a divindade e marca eternamente a Trindade. O Pai entrega o Filho, mas o Filho se entrega em "passivo activa". A profunda comunhão de vontades surge precisamente no ponto da mais aberta separação do Filho em relação ao Pai e do Pai em relação ao Filho. "A entrega pelo Pai e o sacrifício do Filho acontecem 'através do Espírito', que é aquele que na separação, une; aquele que faz a ligação entre a união e a separação do Pai e do Filho entre si". [MOLTMANN, 2011]

Moltmann olha para a Trindade e enxerga a verdadeira comunidade por ela constituída. "A imagem do Deus trino é uma comunhão de mulheres e homens sem privilégios, uma comunhão de pessoas livres e iguais, de irmãs e irmãos". [MOLTMANN, 2002]

O povo de Israel teve a preocupação de registrar sua experiência com Deus e as ações desse Deus na história. Eles perceberam que ao caminharem pela vida, não estavam sozinhos, mas existia um Deus que caminhava com eles, que se revelava aos patriarcas, aos profetas, aos sábios e que, no Novo Testamento, vai se revelar em e por meio de Jesus Cristo, em quem as comunidades vão reconhecer o Senhor e o Filho de Deus.

É através dessa experiência entre Israel e Deus que surgem os nomes de Deus, conferidos pelo povo à medida que entendiam sua revelação solidária, comunitária e social. Assim surgem nomes como: O Deus que cura, Deus é nossa bandeira, Deus paz, Deus nossa justiça etc.

A fé cristã crê que o Deus trino, que é solidário, comunitário e social é Deus de comunhão. E é comunhão exatamente porque é Trindade de Pessoas. "Eu e o Pai somos um" (João 10.30). Podemos entender que Pai, Filho e Espírito Santo vivem em comunidade por causa da comunhão, que é expressão do amor e da vida. Assim, sob o nome de Deus, entendemos a Trindade, ou seja, a Trindade como união do Pai, do Filho e do Espírito Santo formando uma única Pessoa.

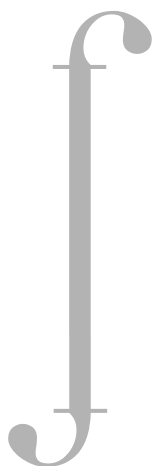
Esta koinonia é perfeita, trata-se de Pessoas que se encontram em comunhão estão juntas por trás de uma fortificação comum, ou seja, estão unidas pelo mesmo espaço vital. Esse espaço é demarcado e une as vidas dessas pessoas em comum, de forma que uma dependa da outra.

A Trindade supera a solidão e o isolamento, como também a divisão, a exclusão e todas as formas de narcisismo, uma vez que vive a perfeita koinonia.

A perfeita koinonia é largamente observada em diversos textos nas Escrituras. Por exemplo, em João 10.30 Jesus diz: "Eu e o Pai somos um". E, em João 14.11 acrescenta: "Estou no Pai, e o Pai em mim". Desta pericórese-comunhão faz parte também o Espírito Santo, que está presente em todos os momentos da vida de Jesus: na Encarnação (Mateus 1.18), no Batismo (Lucas 3.22), na tentação no deserto (Lucas 4.1-13), em suas ações libertadoras (Mateus 12.28).

Como mostram as Escrituras, o Pai, o Filho e o Espírito Santo são três Sujeitos que dialogam entre si, se amam, se relacionam intimamente. Cada pessoa é para as outras Pessoas, jamais somente para si, é com as outras Pessoas e nas outras Pessoas. O amor eterno que se pervade e constitui, as une numa corrente vital tão infinita e completa que emerge a unidade entre elas, formando uma só.

A grande questão é percebermos até onde podemos ir, como seres humanos limitados, em nosso entendimento sobre a Trindade. Mas não desprezarmos a vivência da Trindade como exemplo de perfeita koinonia, nos apresentando uma dimensão solidária, comunitária e social, que precisa ser resgatada e aplicada em nossas vidas como servos do Deus Triúno.



Referências



BINGEMER, M. C.; FELLER, V. G. **Deus-amor. A graça que habita em nós.** São Paulo: Paulinas; Valencia: Siquem, 2003.

BETTO, F.; BOFF, L. **Mística e Espiritualidade.** Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

BOFF, L. **A trindade, a sociedade e a libertação.** Petrópolis: Vozes, 1986.

BRANDT, H. Espiritualidade. **Vivência da graça.** São Leopoldo: Sinodal/EST, 2006.

FERREIRA, A. B. H. Novo Aurélio Século XXI. **O dicionário da Língua Portuguesa.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

CANSS, G. Ignatius of Loyola. **Exercises and Selected Works.** New York: Paulist, 1991.

GRESHAKE, G. **El Dios uno y trino: uma teologia de la Trinidad.** Barcelona: Herder, 2001.

MCGRATH, A. E. **Uma introdução à espiritualidade cristã.** São Paulo: Vida, 2008.

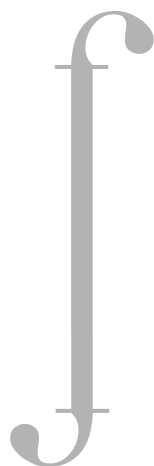
MOLTMANN, J. A Fonte da Vida. **O Espírito Santo e a teologia da vida.** São Paulo: Loyola, 2002.

MOLTMANN, J. **Trindade e Reino de Deus.** Uma contribuição para a teologia. Petrópolis: Vozes, 2011.

MONDONI, D. **Teologia da Espiritualidade Cristã.** São Paulo: Loyola, 2002.

NETTO, J. P., MACHADO, A. A. **Dicionário Teológico Enciclopédico.** São Paulo: Loyola, 2003.

PEDROSA-PÁDUA, L. **O Humano e o Fenômeno Religioso.** Rio de Janeiro: PUC-Rio, 2010.



Referências



RENDERS, H. "Modelos de espiritualidade e contexto cristão brasileiro: uma análise e projeção a partir da distinção kierkegaardiana entre estética, ética e religião". Caminhando, v.17, n1, jan/jun. 2012.

SECONDIN, B. Espiritualidade em diálogo. Novos cenários da experiência espiritual. São Paulo: Paulinas, 2002.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

teologia

& CONTEMPORANEIDADES

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

Apóstolo Paulo

Mozart Pereira da Silva Neto
Francisco Leonardo de Lima Sampaio



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





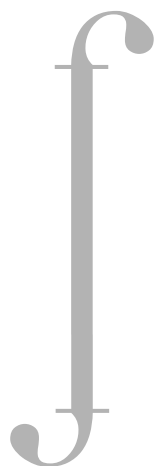
 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 06

1 Paulo, O Apóstolo Helenista:
Uma Biografia.



Apóstolo Paulo



Resumo

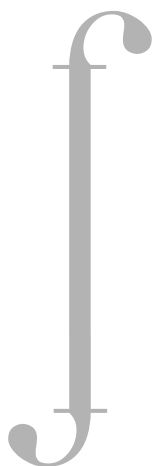
A pesquisa consiste em entender a vida do apóstolo Paulo, procuraremos destacar alguns retratos biográficos do apóstolo, principalmente a partir do seu acervo epistolar, daquelas epístolas que comprovadamente foram escritas ou ditadas por ele, e do testemunho lucano em Atos dos Apóstolos, que consideramos fonte secundária. Desses retratos extraímos a assertiva de que Paulo era um homem que viveu entre dois mundos, o helenístico e o judaico, influenciado por duas grandes cidades, Tarso e Jerusalém. Procuramos nos concentrar naquelas informações que sustentam esta assertiva, mostrando as influências que lhe garantem uma educação cosmopolita. Procuraremos responder neste capítulo a seguinte pergunta: qual dessas cidades ajudou a esculpir a personalidade do apóstolo e a estabelecer as primeiras bases de sua teologia? Procuraremos ainda, no mesmo capítulo, expor algumas influências helenísticas sobre o apóstolo exemplificadas a partir do seu estilo literário e apresentaremos alguns pontos de sua teologia com forte influência grega.

Palavras-chave: Helenismo; Imortalidade da alma; Paulo; Ressurreição.

Abstract

The research consists in understanding the life of the apostle Paul, we will try to highlight some biographical portraits of the apostle, mainly from his epistolary collection, from those epistles that were demonstrably written or dictated by him, and from the Lucano testimony in Acts of the Apostles, which we consider secondary source. From these portraits we draw the assertion that Paul was a man who lived between two worlds, the Hellenistic and the Jewish, influenced by two great cities, Tarsus and Jerusalem. We try to focus on that information that supports this assertion, showing the influences that guarantee it a cosmopolitan education. We will try to answer in this chapter the following question: which of these cities helped to sculpt the apostle's personality and lay the first foundations of his theology? In the same chapter, we will also seek to expose some Hellenistic influences on the apostle exemplified from his literary style and present some points of his theology with strong Greek influence.

Keywords: Hellenism; Immortality of the soul; Paulo; Resurrection



Introdução

A proposta desta pesquisa é, em linhas gerais, demonstrar em que medida a filosofia helenística influenciou a vida, a obra e a teologia do apóstolo Paulo, tomando como referência as epístolas proto e deutero paulinas e os demais testemunhos canônicos sobre o apóstolo.

Todos os estudiosos relacionados neste trabalho vão concordar acerca da influência da filosofia no epistolário do apóstolo, sejam elas positivas ou negativas. Nem todos estão dispostos a associar esta relação. Mas entendem, no mínimo, que elas estão relacionadas, revelando o ambiente educacional formal do primeiro século, ambiente que deixou impressões em sua cosmovisão e teologia, evidenciadas pelas marcas registradas em seu acervo epistolar.

Alguns, entendem que, como “rigoroso fariseu”, Paulo foi influenciado apenas pelo judaísmo farisaico do primeiro século. Deve-se lembrar que a intenção desta pesquisa não é de nos aprofundarmos em todas as influências que formaram a personalidade e a teologia paulina, mesmo que outras influências também sejam mencionadas, as influências na vida e teologia do apóstolo Paulo que nesta pesquisa serão aprofundadas serão aquelas que apresentam um direcionamento de cunho helenístico, já que se busca neste trabalho tal intensão.

Dividiremos esta pesquisa em três partes. A primeira faz uma abordagem histórica e biográfica do apóstolo a partir das suas raízes familiares e demais contextos a partir dos testemunhos canônicos, para avaliar até que ponto seu contato com a filosofia helenística do primeiro século o influenciou na composição de suas cartas e sua teologia.

O segundo capítulo se constrói sobre o capítulo anterior, perguntando, qual cultura mais influenciou o apóstolo Paulo, a saber, a cultura judaica ou a cultura helenística. Encerrando o capítulo discutimos qual dessas culturas é mais importante para a composição de sua personalidade e sua teologia.

Por fim, encerraremos esta pesquisa com a discussão de uma dúvida, comum no primeiro século, mas, que se estende até os dias de hoje. A compreensão paulina sobre a imortalidade da alma e a ressurreição dos corpos.

Para tanto, trazemos à discussão duas obras importantes do teólogo francês Oscar Cullmann, que a partir de seus posicionamentos demonstra o quanto o cristianismo nos dias de hoje se afasta das interpretações deixadas pelo apóstolo Paulo no Novo Testamento, evidenciando uma distância daquilo que ele recebe como herança. De certa forma, este assunto representa uma concretização do tema geral do trabalho, sobre possíveis influências helenísticas na teologia paulina.

1 Paulo, O Apóstolo Helenista: Uma Biografia.

Certamente teríamos dificuldade em escrever uma biografia fidedigna sobre Jesus. Mas isso se torna possível a respeito do seu discípulo de origem judaica mais conhecido, Paulo de Tarso. A história de sua vida possui grande significado para o cristianismo primitivo, pois marca a construção da teologia da igreja neotestamentária. Contudo, traços da sua história, contada por ele mesmo e demais autores canônicos, não chegam a construir uma completa biografia, por causa dos intervalos sobre sua vida, que nos conduzem ao campo da especulação. No entanto, mais do que de qualquer outro autor do Novo Testamento, podemos colher os 'retratos em forma de mosaico' e combinar os momentos históricos da vida do apóstolo.

Para alguns autores, o apóstolo é considerado como o fundador do cristianismo. Esta avaliação lhe é atribuída pelo grande impulso que deu à expansão da experiência cristã fora do contexto judaico. Há um certo exagero nesta afirmação, tendo em vista que não podemos atribuir ao apóstolo dos gentios a fundação de todas as comunidades helenísticas de sua época. Algumas delas foram fundadas e estabelecidas de forma independente, antes mesmo de suas atividades missionárias. Nem mesmo a comunidade bilíngue de Antioquia, formada por judeus e pagãos convertidos em que mantinha vínculos fora fundada por ele.

Contudo, as contribuições do apóstolo foram indispensáveis para a reflexão cristã acerca de Jesus em outros contextos e por esta razão se diz que o Cristianismo deve suas distinções à pessoa de Cristo enquanto que a Paulo, a sua teologia, tendo o privilégio de ser a única personagem da primeira geração de cristãos com direitos de estar na galeria dos fundadores de movimentos religiosos.

Em se tratando de uma realidade biográfica autêntica, Paulo de Tarso, pode ser considerado, entre todos os atores neotestamentários "o único personagem do cristianismo primitivo do qual, a partir de seu próprio testemunho direto, podemos tomar conhecimento histórico e teológico mais detalhado". Nisto, Schnelle reforça a intenção de nos debruçarmos em questões específicas da historiografia paulina, pois, a abertura de conexões e contextos da teologia do cristianismo primitivo segue o caminho biográfico do apóstolo, diante disso, esquecer a sua história ao abordar sua teologia deixa em aberto a particular maneira de ler e interpretar Paulo, portanto, devemos considerar que em Paulo, biografia e teologia se encontram para uma estreita relação.

Contudo, traçar uma biografia completa e detalhada sobre a vida de Paulo, o apóstolo, seria plausível, mas, não se constitui como um dos objetivos deste trabalho, haja vista que muitos outros já se dedicaram neste empreendimento, desde os primeiros relatos feitos por Lucas até os novos e exaustivos tratados biográficos nos dias de hoje.

No entanto, considerando que alguns aspectos de sua vida são importantes para o aprofundamento do estudo acerca da herança helenística que contribui para a formação de sua teologia, faz-se necessário certa atenção para estes detalhes que marcam o propósito primevo desta pesquisa, e por isso serão aqui abordados.

f 1.1 Testemunhos sobre Paulo: As fontes

As reflexões que podemos fazer acerca da vida do apóstolo Paulo, no tocante a sua teologia e sua contribuição para construção de uma teologia que é apropriada pelas igrejas fundadas por ele, devem estar baseadas principalmente naquilo que os documentos neotestamentários deixam a nossa disposição. Pois, segundo Fabris “para conhecer historicamente qualquer acontecimento e personagem do passado não existe outro caminho senão aquele que passa pelos documentos ou pelas fontes”.

Portanto, mesmo diante da distância que há entre o nosso tempo e o momento histórico do apóstolo Paulo, num abismo que supõe muitos séculos, e do reconhecimento da perda de algumas cartas escritas por ele (1 Co 5. 9), afortunadamente, foram preservadas consideráveis fontes de informações acerca dele, sendo que algumas dessas fontes confiáveis de que dispomos são fontes canônicas, e a maioria delas estão em seu próprio acervo epistolar, primeiramente em sua fonte oficial, a saber, as sete epístolas conhecidas como autênticas, além das chamadas deuteropaulinas e ainda em outros escritos neotestamentários, “testemunhos substancialmente convergentes”, no entanto, podemos mencionar outras fontes de informações concernente a vida de Paulo, contudo, nenhum pouco confiáveis. Esses documentos, todavia estão tão distantes do tempo do apóstolo quanto da sua teologia.

Portanto, podemos vislumbrar uma “biografia” paulina e acentuar as influências que marcaram a sua vida e caracterizaram a sua distinta teologia. No entanto, na busca dessas influências considerando que entre as epístolas paulinas contamos com a pseudo-epigrafia, daremos relevância a ordem que se segue, a saber, as fontes primárias (protopaulinas), fontes secundárias (deuteropaulinas) e demais fontes canônicas, além das fontes não canônicas, mesmo que estas últimas não sejam analisadas.

f 1.1.1 Fontes Paulinas

As investigações históricas e teológicas sobre a vida de Paulo, como já dissemos, começam por suas epístolas, pois, elas oferecem para o período entre 50-61 d. C., ricas informações acerca do pensamento do apóstolo.

Separadas distintamente nos dois grupos supracitados, as do primeiro grupo se constituem como testemunhas de primeira grandeza, onde o apóstolo esboça uma autobiografia que evidencia os “traços essenciais da sua personalidade e ação histórica”, tais documentos conservam sua teologia e uma defesa do seu apostolado.

Assim, convergimos as informações que extraímos das epístolas que formam o primeiro grupo para as informações deixadas pelos do segundo grupo da literatura epistolar pós-paulina, mas que são atribuídas ao apóstolo Paulo, daquelas que foram influenciadas pelo paulinismo. Entretanto, esta tarefa não pode ser encarada como algo tão simples, precisamos estar conscientes da convergência de informações e dos problemas que envolvem o depoimento de cada um dos grupos.

Schnelle também identifica este problema quando afirma que as bases diferenciadas das fontes canônicas que dispomos como base de esclarecimento sobre seu pensamento dificultam a tentativa de relacionar adequadamente sua biografia e também a sua teologia explicando que até mesmo em suas cartas existem 'espaços vazios' e difíceis de determinar, pois representavam para Paulo apenas um meio de comunicação capaz de solucionar problemas e conflitos de forma urgente dentro das comunidades, na maioria, aquelas fundadas pelo Apóstolo.

As cartas, sendo parte de um abrangente processo comunicativo entre o apóstolo, seus colaboradores e as distintas comunidades, não eram destinadas a literatura universal, mas à solução de problemas urgentes nas comunidades. Não sabemos o que Paulo fez e ensinou nas comunidades, além da redação das cartas. Nos conflitos com comunidades e adversários conhecemos, por via de regra, somente a posição de Paulo; posições diferentes são desconhecidas ou podem ser captadas apenas hipoteticamente. Por um lado, as cartas paulinas fornecem um material inesgotável para uma reflexão sobre o apóstolo que começou há quase dois mil anos e que está ainda longe de chegar a seu fim. Por outro lado, elas também são apenas retratos 'instantâneos' de algum momento concreto histórico e teológico. (SCHNELLE, 2010, p. 28-29.)

Portanto, para Schnelle fica fácil de entender tais razões, visto que, as intenções do apóstolo não eram biográficas e nem mesmo teológicas, mesmo que possamos extrair biografia e teologia de seu aparato epistolar.

1.1.2 Outras Fontes Canônicas

Em segundo plano, e com certos cuidados, consideramos o testemunho lucano de Atos dos Apóstolos, em particular o retrato que Lucas faz daquele que influenciou o cristianismo de sua época. Esse segundo testemunho escriturístico, contempla, a história das origens primitivas do cristianismo e sua expansão, sendo Paulo, um dos grandes protagonistas.

A razão de estudarmos nesta sequência é determinada por Fabris, pois, a redação da segunda obra de Lucas, especificamente a segunda parte (At 9. 1-30; 13-28), reconstitui a conversão e as ações missionárias de Paulo, cenário que é montado cerca de trinta anos após a produção das primeiras epístolas paulinas. Por isso, Heyer afirma que as descrições de Atos devem complementar as informações das epístolas, e adverte que elas podem em alguns momentos se contradizer em pontos essenciais.

Becker também contribui quando afirma que ao lado das cartas de Paulo, o texto de Atos dos Apóstolos se coloca em segundo plano como testemunha para a descrição da vida e da teologia do apóstolo.

Fabris ainda advoga, que em alguns momentos, o autor do livro de Atos, faz uso de informações tradicionais e comuns na época sobre a vida do apóstolo Paulo e sobre a sua atividade missionária, deixando em evidência algumas contradições encontradas entre o seu testemunho e os registros apresentados pelo Apóstolo em suas epístolas autênticas, levando a crer que Lucas não levou em consideração o epistolário paulino quando na produção de Atos dos Apóstolos ou não conhecia as cartas paulinas até o momento da produção de seu segundo livro.

f 1.1.3 Fontes não Canônicas

Das epístolas redigidas pelo próprio apóstolo Paulo e das tradicionalmente atribuídas a ele podemos extrair o que há de melhor em sua teologia e os ambientes que o influenciaram, bem como, também, nos Atos dos Apóstolos e demais testemunhos canônicos, que juntos nos ajudam a interpretá-lo, portanto, tais testemunhos se impõem como matéria-prima nesta pesquisa.

No entanto, existem ainda outros olhares, provenientes de outras fontes, neste caso, os apócrifos do Novo Testamento, que nos chamam a atenção, principalmente, sobre a vida e atividade paulina, que ao lado dos testemunhos bíblicos aqui mencionados, para alguns, podem ajudar, entretanto, de maneira limitada, a compor a personalidade do apóstolo Paulo bem como a sua teologia, todavia, nesta pesquisa, são apenas mencionadas a título de consciência, e, portanto, não serão analisadas.

Citamos como exemplo a primeira carta de Clemente e ainda a carta de Inácio de Antioquia, que mesmo superficialmente fazem alusões ao apóstolo.

De acordo com Becker, outros pais da igreja, como no caso de Tertuliano, Hipólito e Orígenes a partir de 150 d.C., atestam sobre os escritos acerca dos Atos de Paulo, este testemunho não canônico recebe o nome de Atos de Paulo e Tecla, e está entre meados do século II.

Temos ainda o Apocalipse de Paulo, do século III-IV e o Martírio de Paulo, do século IV-V, e ainda a correspondência entre o apóstolo Paulo e o filósofo Sêneca, das quais, oito cartas são do filósofo, endereçadas ao apóstolo, enquanto que há outras seis cartas com as respostas de Paulo ao filósofo, compreendendo catorze cartas no total.

Entretanto, essas correspondências de acordo com Becker deixam seus vestígios apenas no final do 4º século, sendo citada pela primeira vez por Jerônimo apenas em 392 d. C. Becker ainda assevera que tais escritos relacionados ao nome do apóstolo Paulo estão tão distantes da sua teologia e do conhecimento da época que deveriam facilmente ser considerados insignificantes para a interpretação paulina, assim como o restante de toda e qualquer literatura apócrifa que a ele é atribuída, destacando que nenhuma dessas literaturas apócrifas se impõe como concorrente ao

testemunho de Atos dos Apóstolos, que se constitui, sem sombra de dúvidas, em segundo lugar na interpretação paulina e na descrição da vida do apóstolo.

Todavia, se alguém se interessa nos conteúdos observados nestes polêmicos textos para a partir deles avaliar a vida e teologia do apóstolo Paulo, deve atentar para uma simples recomendação, a de avaliar tais literaturas com o espelho dos textos canônicos.

f 1.2 Paulo, o Cosmopolita

Os ambientes vividos pelo apóstolo Paulo são conhecidos e podem ser facilmente expostos e bem definidos dentro do próprio panorama que o Novo Testamento desenvolve a partir da sua literatura epistolar e das informações apresentadas nos demais testemunhos canônicos, é neste quadro pincelado pelo próprio apóstolo e demais testemunhas canônicas que emerge o vasto universo em que o apóstolo estava inserido.

Portanto, podemos afirmar que o apóstolo Paulo é um homem de três realidades, estudá-lo é como descobrir diferentes caminhos para se escalar uma montanha, portanto, é fácil dizer que o curso de sua vida percorre linhas paralelas entre a cultura judaica, a filosofia grega e a sua cidadania romana, em outras palavras, um verdadeiro cosmopolita. Consideremos, pois, o posicionamento de Mazzorolo frente a esta realidade perceptível em Paulo.

O cosmopolitismo era entendido como o acesso à cidadania pelas pessoas cultas, aquelas iniciadas nas letras e nas ciências. Por isso, os gregos não separavam nacionais e estrangeiros, mas ignorantes e letrados. Mesmo sendo estrangeiro, todo aquele (a) que fosse possuidor (a) de cultura intelectual, conhecimentos e erudição, era considerado cidadão (cosmopolita = cidadão do mundo, sem distinção de fronteiras geográficas). (MAZZAROLO, 2011, p. 44)

Portanto, admitimos que o apóstolo Paulo era um verdadeiro cosmopolita, o que infere inclusive naquilo que se define a partir da compreensão do termo que vai além de uma simples interpretação dos privilégios de cidadania (ver At 22. 25-28), e liberdade entre espaços geográficos que ele já possuía, mas que refletia a amplitude intelectual e helenizada do apóstolo das nações.

Outra característica que responde a realidade cosmopolita paulina está vinculada ao seu nome. Para Bruce, o apóstolo Paulo, como cidadão romano, poderia possuir até três nomes, o prenome (praenomen), nome de família (nomen gentile) e nome adicional (cognomen). Contudo, não temos indícios do seu nomen gentile, mas apenas do seu praenomen e do seu cognomen.

Esta realidade, no entanto, poderia conduzir muitos, na compreensão comum, a serem induzidos a pensar em substituição de nomes, pois, no livro de Atos 13. 9a, aparece na referência o nome Saulo seguido de Paulo, mas na verdade não é assim, na realidade, o que justifica a suposta alteração não é uma mudança de nome, pois, os judeus da diáspora possuíam muitas vezes dois nomes, um judaico e outro grego, assim como foi com Saulo/Paulo.

Fabris nos ajuda entender melhor essa característica, quando afirma que “o nome grego romanizado Páulos faz assonância com Sáulos. Este último nome na língua grega tem um significado ambíguo”. O autor nos informa ainda que nos escritos paulinos destinados às comunidades cristãs espalhadas nas grandes cidades do império romano, ele se apresenta com o nome de Páulos, nome que é encontrado 158 vezes no Novo Testamento, onde 128 dessas aparições concentram-se no livro de Atos, especificamente, na segunda parte do livro. Seu nome hebraico Sha'ul, aparece apenas 15 vezes, na primeira parte do livro.

Esta dupla forma de nomear a Paulo determina claramente os ambientes em que o mesmo estava inserido, ou seja, um nome para o ambiente de língua hebraica- aramaica e outro para o ambiente de cultura grega, nome também usado em outras cidades e províncias do império romano.

Outra característica do cosmopolitismo de Paulo, se refere aos idiomas que falava. Num contexto histórico complexo, que revelava suas origens gregas e raízes judaicas (Fl 3. 5, 6), seus estudos na escola de Hillel que o tornaram um destacado fariseu (At 22. 3) e sua condição como cidadão romano (At 16. 37-39), não é de se admirar que Paulo falasse vários idiomas. Pois, familiarizou-se com o grego (At 21. 37), como cidadão romano seria virtualmente provável, porém, não confiável, que falasse o latim, bem como falava seu idioma, o hebraico ou o aramaico (At 21. 40; 22. 2), domínio linguístico que facilitou na comunicação e no empreendimento de suas viagens.

f 1.2.1 Paulo, um Judeu da Diáspora

O apóstolo Paulo, nasceu, provavelmente, nos primeiros anos do primeiro século, entre 5 a 10 d.C., portanto, era um contemporâneo de Jesus, um pouco mais jovem que ele. Essa data é sugerida pelo relato de Atos, segundo qual, por volta do ano 30 d. C, o jovem (neanías49) Paulo consentia na morte, por apedrejamento, de Estevão (At 8. 58).

De acordo com Fitzmyer citando os escritores gregos e helenistas (Diógenes Laércio e Filon), esta idade “está entre os vinte e quatro e os quarenta anos50” (Tradução nossa). Na sua descrição na carta à Filemon 9, escrita por volta do ano 50 d.C., Paulo chama a si mesmo de ancião (presbytes). Segundo Fabris, citando o médico Hipócrates, o apóstolo poderia estar entre cinquenta e sessenta anos.

Levando em consideração o apóstolo Paulo como judeu filho da diáspora, vamos nos concentrar nas realidades que construíram a sua personalidade, que envolvem basicamente duas realidades, sua educação judaica e a formação grega.

Essas duas realidades das quais o apóstolo se relaciona, citadas anteriormente, também são causa de discussão, e uma dúvida emerge desta simples realidade, a de determinar as origens do apóstolo Paulo, que são bem conhecidas para uns, por outro lado, para outros, um pouco indefinida, mesmo diante da menção que é feita no texto bíblico (ver At 21. 39; 22. 3), existem outras informações acerca do seu nascimento, informações que o envolvem, com outra cidade.

Neste contexto, Barbaglio discute o parecer lucano, quando este afirma ter Paulo nascido em Tarso na Cilícia, contudo, outras opiniões surgiram para contrapor a realidade bíblica neotestamentária, seguindo um novo ponto de vista, entre os mais antigos, podemos mencionar Jerônimo.

Jerônimo, influenciado por Orígenes, é um dos primeiros a contrapor o testemunho neotestamentário no seu livro intitulado *De viris illustribus*, ele identifica a cidade de Giscala, na Judeia, como sendo a cidade em que o apóstolo teria nascido. Jerônimo escreve em tais palavras: “Ele foi removido com seus pais pelos romanos da cidade de Giscala da Judeia e da tribo de Benjamim para Tarso da Cilícia”. (Tradução nossa).

Jerônimo também menciona esta informação e de forma mais detalhada, no seu comentário à Epístola a Filemon, onde ele escreve:

Quando toda a terra da Judeia fora devastada pelas mãos dos romanos, espalhando os judeus pelo mundo, os pais do apóstolo Paulo foram levados de Giscala de onde viviam para a província de Tarso, quando Paulo era ainda muito jovem foram eles transportados para lá. (Tradução nossa). (JERÔNIMO apud BARBAGLIO, 1993, p. 58. “de tribu Beniamim et oppido Judaeae Giscalis fuit, quo a Romanis capto, cum parentibus suis Tarsum Ciliciae commigravit”..)

De acordo com Furtado, os comentários da epístola à Filemon escritos por Jerônimo, revelam a cidade de Gíscala como sendo a cidade natal do apóstolo das nações. Jerônimo, consultando os comentários de Orígenes, escritos mais de um século antes, insere uma estranha notícia que decidiu incluir na sua própria obra tempos depois mesmo sabendo que esta cidade não aparece uma só vez nos textos neotestamentários.

Contudo, as tradições acerca destes dois documentos tradicionais escritos por Jerônimo que põem em discussão a cidade do apóstolo Paulo não possuem validade histórica.

Dentro desse contexto e semelhante a Jesus de Nazaré, está Paulo de Tarso, que semelhante a Jesus Cristo recebe o nome da cidade em que viveu sua infância e juventude e não por ser a sua cidade natal. Contudo, não se pode extrair nada de significativa dessa notícia, pois, Paulo, não recebe nada de importante concernente a esta nova informação acerca de sua origem

Furtado, indica que, mais tarde, em 867 d. C., a partir de Orígenes, Fócio reconhece as informações antigas acerca do apóstolo, contudo, sem desprezar o testemunho bíblico, pois, confirma que Paulo fora concebido ainda na cidade de Gíscala, mas que nascera já em Tarso, tentando conciliar as informações.

De fato, se lançarmos o nosso olhar para as epístolas paulinas, veremos que elas nada contribuem para elucidar o problema da cidade natal do apóstolo Paulo, que a partir do seu testemunho pessoal nos garante outras informações que confirmam outros detalhes de sua via, entre as quais podemos citar que: ele nascera judeu e que fora circuncidado ao oitavo dia, que pertencia a tribo de Benjamim, que falava o aramaico e que era fariseu (Rm 11.1, 2 Co 11.22 e Fl 3.5-6).

No entanto, nenhuma das epístolas de seu acervo nos assegura uma simples passagem do apóstolo às cidades de Gíscala ou Tarso, tampouco uma mera menção a elas, em outras palavras, tanto uma cidade quanto a outra poderiam ser fortes candidatas a expressiva cidade em que Paulo, o apóstolo aos gentios teria supostamente nascido.

Contudo, temos o testemunho canônico de Atos dos Apóstolos, onde Lucas nos esclarece que Paulo, foi um judeu da diáspora, nascido em Tarso, na província romana da Cilícia, (At. 21: 39; 22: 3), no entanto, se essa informação dependesse do seu próprio depoimento não saberíamos nada acerca de

sua cidade natal, pelo que parece, o apóstolo, em seu acervo epistolar não dava muita importância a sua condição de cidadão romano.

Porém, isso não abre margem para duvidarmos da veracidade das informações do testemunho canônico de Atos, por isso, Barbaglio conclui dizendo que “a notícia dos Atos porém não se pode incluir no elenco dos elementos meramente decorativos”. Ou seja, Barbaglio garante que o autor de Atos apresenta uma informação verídica acerca da história de vida do apóstolo não tendo interesse de distorcer a autenticidade dos fatos.

De fato, não fora o testemunho de Atos dos Apóstolos, muitos autores facilmente reclamariam qualquer parte da Palestina como o lugar do nascimento do apóstolo. Entrementes, Lucas com naturalidade expõe que Paulo de Tarso recebe o nome da cidade em que nascera, (At 9. 11, 30; 11. 25), a cidade mais helenizada de seu tempo.

Becker encerra a qualquer dúvida ao atestar algumas informações, quando adiciona na discussão, alguns indícios que garantem a Tarso o seu lugar. Pois, considera que a língua grega de Paulo está longe de semitismos, portanto, dificilmente aprendida mais tarde e o mesmo apresenta um estilo fluente de grego que pressupõe que desde a infância teria usado o grego como língua franca.

Portanto, reconhecendo a cidade de Tarso como cidade do nascimento do apóstolo Paulo, podemos agora mencionar algumas particularidades desta influente metrópole, a cidade de Tarso.

Tarso, há muito, portanto, já reclamava para si status de uma grande cidade, conforme assevera Ball quando exalta o entusiasmo da cidade pela cultura, fama que ofuscava qualquer outra cidade da época, suas escolas filosóficas eram a razão do grande fluxo de filósofos e eruditos que eram atraídos pela grandeza intelectual da cidade, nessas escolas, bem antes dos dias do apóstolo, filósofos ensinavam retórica, matemática, ética, gramática e música.

Tarso possuía inúmeros prédios públicos além de palácios e casas humildes. Havia ali um enorme teatro ao ar livre, construído para acomodar milhares de pessoas, um grande espaço aberto, aos pés de uma encosta, com fileiras e fileiras de bancos de mármore dispostos num largo semicírculo. Peças gregas eram encenadas no palco central, atraindo multidões. Ali também se apresentava a música da moda e liam-se poesias. O teatro ocupava um lugar na vida de ricos e pobres. (BALL, 1998, p. 07)

Outros testemunhos mais antigos confirmam as raras características da cidade de Tarso, como destaca Fabris ao mencionar as importantes informações apresentadas por Estrabão, em sua monumental obra Geografia, escrita, provavelmente no início do primeiro século d.C.

Os habitantes de Tarso são tão apaixonados pela filosofia e têm um espírito tão enciclopédico que sua cidade acabou por eclipsar Atenas, Alexandria e todas as cidades que se poderiam recordar por serem terra natal de alguma seita ou escola filosófica [...]. Tarso possui escolas para todos os ramos das artes liberais. Acrescentai a isso o número elevado de

sua população e a preponderância notável que ela exerce sobre as cidades vizinhas, e compreenderéis como ela pode reivindicar o nome e o prestígio de metrópole da Cilícia. Os homens celebres desta cidade são os estoicos Antípatro, Arquédamo, Nestor, sem esquecer os dois Atenodoros 9 Estrabão, Geografia, XIV, 5: 5-15 apud FABRIS, 1996, p. 22-23.)

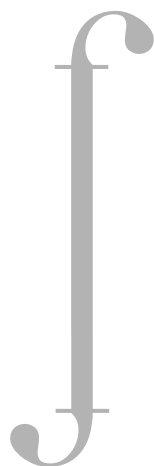
De acordo com Holzner, o ambiente de Tarso em que o apóstolo Paulo cresceu nos explica sobre a influência helenística que sofreu, destacando que o judaísmo da diáspora não pode subtrair nada da vida e da cultura que nesta cidade recebera.

Sobre este mundo do helenismo temos que lançar um rápido olhar, se quisermos entender melhor Paulo e suas cartas na escolha das suas expressões e imagens, bem como nas emoções que nelas palpitam. Hoje, é geralmente reconhecido que a maneira de pensar e a forma de vida dos gregos teve influência considerável e é por isso que tinha que ter vivido tempo suficiente em Tarso. Pensava, falava e escrevia em grego como se fosse a sua língua materna, ao passo que Pedro logo que se entregou a missão fora da Palestina, teve de valer-se de um intérprete, sobretudo para sua correspondência epistolar. (Tradução nossa). (HOLZNER, 1974, p. 18.)

Esse fenômeno se dava pelo conhecimento que os habitantes de Tarso tinham acerca dos currículos das escolas de sua cidade, portanto, podemos presumir, que no tempo de Paulo, um plano formativo educacional era seguido desta maneira: primeiramente se era instruído no nível fundamental com ginástica, música, além da arte de ler e escrever, esta educação poderia ser realizada por escravos ou professores particulares.

Após este nível, elevava-se a formação superior, tarefa da reitoria e de suas escolas que ensinavam gramática, a leitura dos clássicos, retórica, dialética, matemática e, o mais alto nível de ensino, aquele realizado nas escolas filosóficas onde ensinavam as habilidades técnicas mais importantes da antiguidade em todos os ramos do conhecimento.

Esta era a grande metrópole, Tarso da Cilícia, que recebera status de cidade modelo, e desde o tempo dos Selêucidas gozava de prestígio que mantinham como padrão cultural, as tradições, a literatura e a língua grega e um sentimento de autonomia profundamente segura.



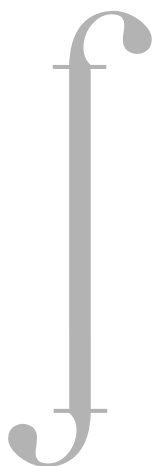
Considerações Finais



Esta pesquisa teve a pretensão de esclarecer pontos controversos sobre a vida, obra e teologia paulina. No encontro de culturas que fizeram parte de sua realidade, entre o choque de conhecimentos que obteve, entre os mundos que estavam relacionados a ele como um grande cidadão do mundo, destacamos a possível influência helenística na vida deste grande apóstolo.

Para muitos é fácil admitir que Paulo foi influenciado pelas culturas em que estava inserido. No entanto, não podemos esquecer que não apenas a cultura judaica, mas, também a helenística, vai formar a sua personalidade e construir boa parte de suas discussões, isso pode ser percebido no seu acervo epistolar, bem como nos demais testemunhos bíblicos que se referem aos apóstolos.

Partindo dos pressupostos bíblicos que avaliam sua condição de pertença, partimos de um apanhado histórico que apresentou a sua ligação com a filosofia de sua época, a filosofia helenística do primeiro século. Este processo se deu a partir do seu nascimento em uma grande metrópole do primeiro século, a cidade de Tarso, na Cilícia, que foi a primeira e maior influência em sua vida, como atestamos neste trabalho.



Referências



A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993.

A BÍBLIA, King James Atualizada (KJA). São Paulo: Abba Pess, 2012.

ARENS, Eduardo. **Ásia Menor nos tempos de Paulo, Lucas e João: aspectos sociais e econômicos para a compreensão do Novo Testamento**. São Paulo: Paulus, 1997. Tradução: João Rezende Costa. (Biblioteca de estudos bíblicos).

BALL, Charles Fegurson. **A vida e os tempos do apóstolo Paulo**. Rio de Janeiro: Casa Publicadora das Assembleias de Deus, 1998.

BARBAGLIO, Giuseppe. **São Paulo, o homem do evangelho**. Petrópolis: Vozes, 1993. Tradução: Ephraim Ferreira Alves.

BECKER, Jürgen. **Apóstolo Paulo, vida, obra e teologia**. São Paulo: Academia Cristã, 2007. Tradução: Irineu J. Rabuske.

BORNKAMM, Günther. **Paulo, vida e obra**. São Paulo: Academia Cristã, 2008.

BRUCE, F. F. Paulo: **O apóstolo da graça, sua vida, cartas e teologia**. São Paulo: Shedd Publicações, 2003. Tradução: Hans Udo Fuchs.

CERFAUX, Lucien. **O cristão na teologia de Paulo**. São Paulo: Paulinas, 1976. Tradução: Pe. José Raimundo Vidigal.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 1, A-C.

CHAMPLIN, Russell Norman. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. 11 ed. São Paulo: Hagnos, 2013, Vol. 2, D-G.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

Fé, Rituais & Festividades

A Religião e a Constituição
de Espaços de Socialidade

Carlos Rafael Vieira Caxile



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 06

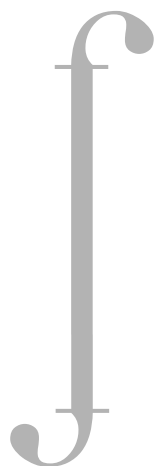
1 Fé, Ritos
& Festas

Página 08

2 A morte é
um festejo

Página 10

3 Fé Católica Sincretismo
& Resistência



Fé, Rituais & Festividades

A Religião e a Constituição de Espaços de Socialidade



Resumo

O objetivo central desse texto é explicitar a presença da população afro-brasileira em espaços de sociabilidade e integração cultural; momentos de liberação e contestação da ordem vigente. A população vive a cidade a seu modo, produzindo lazer e festa. Os rituais que a constituem situam-se entre o universo religioso e profano, o que confere mais autonomia para a população operar nesses espaços. As manifestações apresentadas possuem como característica fundamental a imbricação entre o sagrado e o profano, cujo entendimento implica considerá-los em conjunto. São exatamente as fronteiras pouco definidas desses campos que oferecem margem às práticas devocionais, às orações, às simpatias, igualmente à diversão, ao lazer, a bebedeira e a comilança, constituindo-se em momentos importantes de sociabilidade, mas também de resistências e contestações.

Palavras-chave: Religião, festividades, africanos, afrodescendentes

1 Fé, Ritos & Festas

Durante muito tempo historiadores privilegiaram nos seus estudos os atributos culturais da elite dominante, desprezando as formas que constituem o campo da criação popular, excluindo quase totalmente a cultura específica da praça pública como também, a festa e os humores populares em toda a riqueza das suas manifestações. A natureza específica dessas manifestações populares foram totalmente deformadas, porque lhes injetaram ideias e noções bem distantes, formando-se sob o domínio da cultura e dos valores burgueses. Os festejos e as comemorações, com todos os atos e ritos cômicos que a eles se ligam, ocupavam e ocupam um lugar muito importante na vida do homem popular. Além dos carnavais propriamente ditos, que muitas vezes eram acompanhados de atos e procissões que enchiam as ruas e as praças durante dias inteiros, as festas religiosas também possuíam um aspecto cômico popular e público, consagrado pela tradição. Todos os ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença de princípio com relação às formas do culto e às cerimônias oficiais da Igreja ou do Estado. Apresentavam uma visão do homem, do mundo e das relações humanas totalmente distintas, deliberadamente exteriores à Igreja e ao Estado.

No Brasil, durante muito tempo, a Igreja e as autoridades administrativas pretenderam controlar o “lazer” popular, suas festas e festivais. As procissões, festas de santos, reuniões sociais mesclavam-se o sagrado e o lazer durante o ano todo. A população em geral investia um grande capital emocional nessas manifestações. Muitas semanas de trabalhos intensos e alimentação escassa eram compensadas nessas ocasiões, quando na maioria das vezes a comida e a bebida eram abundantes, intensificavam-se as relações sociais, os vínculos de sociabilidade tornavam-se mais fortes, a vida tornava-se menos pesada.

A Igreja tinha uma participação significativa na organização dessas festividades, isso porque as manifestações coincidiam com a comemoração dos santos católicos. Embora os dias dos santos se espalhassem abundantemente pelo calendário ritual da Igreja, os eventos concentravam-se, principalmente do natal até a páscoa. Nessas ocasiões, era comum a presença de procissões com tambores, flautas, músicas e danças. Os festejos eram, na sua grande maioria, organizados por irmandades, associações corporativas das quais seus membros teciam solidariedades fundadas em hierarquias sociais.

Essas irmandades eram responsáveis pela realização de festas em que músicas, danças, mascaradas e banquetes alegravam os participantes em grandes homenagens aos santos de devoção.

As irmandades surgiram na Europa na Idade Média e faziam parte das confrarias juntamente com as ordens terceiras. Para que uma confraria funcionasse precisava encontrar uma igreja que a recebesse ou mandar construir uma e ter seu estatuto ou compromisso autorizado pelas autoridades eclesiásticas. Em Portugal essas instituições dedicavam-se principalmente à caridade e auxiliavam os necessitados, fossem associados ou não. Tanto as irmandades como as ordens terceiras, embora recebessem religiosos, eram formadas por leigos. Porém as ordens terceiras, diferentemente das irmandades, se associavam a ordens religiosas convencionais (franciscana, dominicana, carmelita).

As irmandades eram muito numerosas na Europa, sobretudo em Portugal. Da metrópole portuguesa vieram para o Brasil o modelo básico dessas organizações. No Brasil, uma única Igreja, muitas vezes, acomodava várias irmandades que louvavam seus santos padroeiros em altares localizados nas laterais das naves.

A administração das irmandades brasileiras ficava a encargo de uma mesa, que era reeleita anualmente e presidida por juízes, presidentes, provedores ou priores, escrivães, tesoureiros, procuradores e mordomos. A esses últimos, uma série de atividades ficava sob sua custódia, como por exemplo: convocação e direção de reuniões, arrecadação de fundos, guarda dos livros e bens da confraria, assistência aos irmãos necessitados, organização de funerais, festas e loterias.

Para uma irmandade funcionar, ela teria de ter seus compromissos aprovados por autoridades da igreja. Esses compromissos, além de regularem a administração das irmandades, estabeleciam a condição social ou racial dos sócios, seus direitos e deveres. Eram direitos dos sócios: assistência médica e jurídica, ajuda em momentos de crise financeira, se fossem escravos tinham ajuda para a compra da alforria, direito a enterro para si e para sua família com acompanhamento de irmãos da confraria e sepultamento na igreja da irmandade. Em troca, eles tinham o dever de apresentar bom comportamento e devoção católica, pagamento de anuidades e participação nas cerimônias civis e religiosas. (REIS,1991; SOARES,2000)

Desde os tempos do Brasil colônia, as irmandades de pretos organizavam e apresentavam reinados e congadas para celebrar santos de devoção. Essas manifestações constituíam-se em importantes momentos de sociabilidade. Em dias de celebração, saíam em desfile pelas ruas das cidades reis, rainhas e súditos, todos vestidos a caráter, na maioria das vezes se apresentavam mascarados, cantando, dançando, ao som de atabaques, caixas e outros instrumentos musicais, regados por muita bebida e comida. Esses festejos organizados pelas irmandades, dependendo das circunstâncias e da política de controle social adotada pelas autoridades da época, eram reprimidas ou toleradas. (REIS,1991)

f2 A morte é um festejo



Ao longo do século XIX, as atitudes diante dos mortos e da morte foram tomando novas formas e novos sentidos. As percepções diante o mundo dos espíritos e dos mortos, a maneira como a morte chegaria, seu ideal, os ritos realizados para precede-la e sucede-la, o sepultamento e o destino da alma eram questões que muito preocupavam a população, em torno das quais criavam-se símbolos, realizavam-se ritos e movimentavam-se devoções e negócios. (REIS, 1991)

A morte não era vista como um fim, mas como uma passagem onde o espírito seguiria a outra dimensão. A morte era vista como um deslocamento espacial. Os rituais e os simbolismos que a envolvia eram realizados para permitir uma boa viagem para outro lugar. Ao morto era dispensado o tratamento de forma a integrá-lo o mais breve possível ao seu novo mundo, para o seu próprio bem estar e o dos vivos.

A imortalidade da alma era um princípio que era cheio de variáveis. Na tradição da Igreja Católica, a alma poderia ir ao inferno, paraíso ou purgatório, a depender do julgamento individual pelo qual passaria após seu falecimento. O purgatório era considerado um lugar de passagem onde a alma iria expiar suas culpas. Para escapar mais rapidamente dele, além do arrependimento na hora da morte, os mortos poderiam contar com a ajuda dos vivos em forma de missas, novenas e promessas aos santos.

Nas tradições africanas, os vivos eram acompanhados pelos mortos no cotidiano. Os africanos viam os espíritos dos ancestrais como forças poderosas que os ajudavam a viver o dia a dia e garantiam-lhes uma boa morte. Acreditavam em recompensas e punições quando mortos. Em casos em que o indivíduo tivesse problemas com rituais fúnebres, morte prematura ou por feitiçaria, a alma estaria condenada a penar. Entre os iorubas, conhecidos como nagôs na Bahia, Minas Gerais, Rio de Janeiro e em outras regiões sulistas, existia a crença dos mortos vagarem por regiões terrestres até que os vivos os ajudassem.

Na primeira metade do século XIX, candomblés foram criados para dedicarem-se aos mortos. Em muitas províncias do império, principalmente Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco, os jornais denunciavam a realização de cerimônias para os mortos africanos. Acusavam os negros de práticas de adivinhação, superstição e feitiçaria. Muitas vezes, os periódicos faziam referência à presença não apenas de negros nas manifestações, mas também de gente branca de várias condições sociais.

A população africana, na maioria das vezes, circulava em mais de uma religião, cuidava dos seus mortos a maneira católica e africana. Os africanos deportados e feitos escravos no Brasil foram obrigados a seguir os preceitos católicos, mas nem por isso deixaram de seguir suas tradições. Em suas irmandades de cor, eles mesclaram o catolicismo as suas práticas africanas, homenageando santos patronos com cantos em língua nativa, batuques, danças, mascaradas, como também, em coroamentos de reis e rainhas negros. E, por conta da flexibilidade dos rituais africanos, havia sempre espaço para novos símbolos e deuses. Por mais que os fundamentalistas católicos protestassem contra tais práticas, a igreja foi obrigada a aceitá-las. Contudo, predominaram as regras católicas especialmente no lado público dos funerais.

Muitos africanos e afrodescendentes preparavam sua morte oralmente, na maior parte das vezes, na presença de parentes, amigos ou padres. Mas também haviam aqueles que escreviam ou ditavam seus testamentos. Esses documentos tinham implicações místicas, nomeavam santos como advogados no julgamento divino, pediam a interferência de forças celestiais, indicavam a quantidade e o tipo de missas que consideravam importantes para abreviar sua passagem pelo purgatório, escolhiam o modelo da mortalha que gostariam de vestir, o tipo de caixão, a quantidade de padres e músicos que fariam parte do funeral, e especificavam o local do sepultamento. Na cidade do Rio de Janeiro e em Salvador, a preferência dos africanos era pela mortalha branca de tecido de algodão. O branco era a cor fúnebre de muitos grupos étnicos da África, principalmente, os nagôs, jejes, angolas, congos e os muçulmanos. (DEBRET, 1941)

Muitos viajantes estrangeiros de passagem pelo Brasil, registraram cerimônias fúnebres. Debret, quando esteve no Rio de Janeiro entre 1816 e 1831, registrou o funeral de um príncipe africano. Durante o funeral do soberano africano, delegações de diversas outras nações da África visitaram o morto. O clima era de festa com muitas danças e músicas. A animação aumentou com a saída do cortejo. O morto seguia envolto numa rede, coberto por uma mortalha com o desenho de uma cruz. À frente ia um mestre-de-cerimônias e em seguida, acrobatas dançavam ao som de tambores. Ao chegarem a igreja de irmandade negra, do lado de dentro acontecia a cerimônia de sepultamento nos moldes católicos, e no lado de fora eram animados os festejos ao estilo africano. Também na província da Bahia, os africanos, em sua maioria vindos de Luanda e do Golfo do Benim, celebravam em grande estilo a morte de seus líderes religiosos e políticos. (DEBRET, 1941)

f 3 Fé Católica Sincretismo & Resistência

Durante todo o período escravagista no Brasil, somente a prática da religião católica será permitida pelas autoridades; a religião católica será considerada como única e vai relegar os demais cultos como sendo misteriosos ou supersticiosos. Tal imposição será contestada notoriamente pela população negra que adota uma postura de resistência e sobrevivência.

O controle sobre as manifestações africanas sempre foi muito contundente. As autoridades vigentes sempre buscaram regrá-las e ordená-las. Gilberto Freire, na obra “Guia Prático Histórico e Sentimental de Cidade Brasileira”, apresentou algumas observações sobre a prática de festejos realizados por negros em Pernambuco no século XVIII. Freire utilizou como fonte as correspondências trocadas entre o Conde de Povoline e um dos ministros da Coroa Portuguesa.

Na correspondência expedida pelo Conde constava alguns reclames sobre a prática de determinados cultos africanos que estavam ocorrendo na capitania de Pernambuco, “fazem às escondidas ou em casas ou em roças com uma preta mestra, com altar de ídolos, adorando bodes vivos e outros feitos de barro, untados seus corpos com diversos óleos ou sangue de galo, dando a comer bolos de milho depois de diversas bênçãos supersticiosas.” (FREIRE, 1958, p.52)

Para as autoridades da época, essas manifestações apresentavam um caráter primitivo e bárbaro. Deveriam ser reprimidas e abolidas do convívio da sociedade. Sua incidência poderia afetar a ordem e os bons costumes. Dessa forma os padres católicos incutiram nas populações de africanos escravos e libertos os rudimentos da religião. Entretanto, nos seus dias de descanso, principalmente nos domingos, os negros reuniam-se, reagrupavam-se por nações de origem para louvarem seus deuses, cantarem e dançarem ao som do tambor e de suas línguas.

Percebe-se uma aproximação entre os sistemas religiosos africanos e católico, principalmente, no plano temporal. Na África os sistemas religiosos obedecem a um calendário ritual onde as datas estão fixadas de acordo com o ritmo da natureza e da sociedade. A passagem de cerimônias de um continente ao outro provocou algumas dificuldades devido a ritmos e ordens diferentes. Para resolver estas dificuldades, os negros alinharam o tempo religioso ioruba ao tempo do cristianismo. Assim, grandes festas de orixás são celebradas em datas de santos católicos.

Segundo Millet, as práticas religiosas africanas tiveram uma profícua acolhida na América:

As práticas religiosas do fetichismo das instituições africanas, das que foram legadas na América pelos colonos negros ou transmitidas aos seus descendentes, foram as que melhor se conservaram no Brasil. Entretanto, não podemos admitir que mesmo entre os africanos as crenças religiosas dos negros aqui tomaram múltiplas formas de manifestação. Não é fácil dizer quais foram as práticas fetichistas e a religião dos africanos durante o tráfico, e quais foram os povos negros, pois frequentemente recebíamos novas levas de africanos. E também o que foram esses cultos mesmo quando o tráfico foi suspenso. (MILLET, 1989/1990, p.197)

Entretanto, esta fusão de crenças não impediu que se preservasse a heterogeneidade e a diferença de organização dos dois rituais. Nos rituais africanos estão presentes uma série de gestos e ações influenciados por músicas e danças ao som dos tambores. As homenagens aos santos mesclavam elementos do catolicismo português, dos grupos indígenas e africanos, incluíam vários instrumentos percussivos, sendo o principal o tambor.

Para melhor se fazer entender, o senhor tinha necessidade de fazer com que o escravo compreendesse os rudimentos da religião católica e aprendesse a rezar, pois a sociedade escravista contava com o apoio da igreja para ensinar aos cativos a submissão e a resignação à ordem estabelecida. A tarefa de evangelização nas cidades era feita pelas confrarias e ordens terceiras, pois os párocos se ocupavam da distribuição de sacramentos e da realização de faustosas procissões. Raramente os escravos tinham contatos pessoais com os sacerdotes católicos.

Era prática comum no Brasil escravista, os senhores permitirem que seus cativos dançassem e cantassem livremente em determinados dias da semana, maneira pela qual os mantinham relativamente satisfeitos e produtivos. Animavam os terreiros e as casas grandes em dias festivos: sambas, lundus, cocos e batuques. Nas cidades por sua vez, através das irmandades os negros festejavam moçambiques, congos, maracatus, taieiras e cucumbis. Era através desses festejos que os negros celebravam identidades étnicas e sociais, recriando expressões singulares num contexto de expropriação e exploração.

Diz Mourão:

O que nos parece mais exato é distinguir no catolicismo colonial brasileiro, dois aspectos que na colônia estavam vinculados, e hoje se apresentam separados: o catolicismo na prática do culto oficial da Igreja, principalmente os ritos sacramentais, e o catolicismo do tipo popular, enquanto vivido pela população branca. De um lado estes ritos sacramentais foram impostos, pois todos os africanos deveriam ser batizados nas costas da África ou ao chegarem ao Brasil, pesando conseqüentemente sobre eles a obrigatoriedade da assistência às missas dominicais.

Do outro lado, a religião católica popular sem nenhuma obrigatoriedade expressa, mas derramada pela população, nas casas dos senhores de engenho, em seus oratórios, nos nichos das ruas, nas curvas das estradas, nas imagens dos santos. Esta obrigatoriedade externava-se em termos de separação entre brancos e pretos, ou mais precisamente, entre senhores e escravos. Embora o catolicismo de tipo popular contivesse em algumas de suas exteriorizações esta separação, como nas procissões mais solenes, nos novenários de caráter público, mesmo de tipo popular, mas para tomá-lo como um manto protetor, como o aparente católico, a fim de que a religiosidade africana pudesse mover-se em seu mundo próprio. Deste modo, para nós, a força selecionada dos símbolos católicos não estaria no catolicismo, como postula a posição do sincretismo, mas na própria religião africana. E veríamos nos símbolos católicos – imagens de santos –, uma função social religiosa da religião africana, a saber, a de ocultar-se a si mesma ante o olhar inquisitorial do clero ou do senhor de engenho. Onde, o problema a ser colocado não é o de dois catolicismos, e sim de duas religiões, distintas, cada uma com seu universo próprio, e o do relacionamento destas duas religiões. A aparência católica, mesmo nos ritos sacramentais e nas missas, era apenas uma aparência. Tais práticas e o uso de imagens nas danças africanas no interior das senzalas, desempenhavam o papel de ocultação do mundo religioso africano, sem quebra nem esfacelamento. (MOURÃO, 1978, pp. 54,46)

Foi a igreja católica que possibilitou às camadas populares, principalmente aos negros escravos e libertos, pelo menos durante 200 anos, a maior oportunidade de lazer, por meio dos dias dedicados aos santos, respeitados com a suspensão do trabalho. O calendário cristão permitiu a esses estratos sociais se divertirem através de procissões, festas de padroeiros, participação no ritual da Paixão de Cristo ou nas comemorações dos dias consagrados aos santos de devoção.

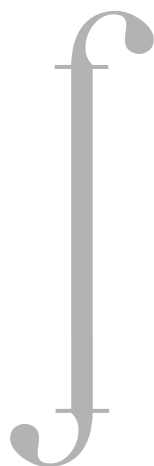
O padre Antonil já recomendava aos cativos que realizassem seus festejos e comemorassem seus credos. Entendia o padre que, negar aos escravos as suas festividades, seus folguedos que constituíam o único alívio da rotina massacrante do cativo, era querê-los descontrolados, insubordinados e melancólicos. Diz Antonil:

Portanto não lhes estranhe os senhores o criarem seus reis, cantar, e bailar por algumas horas honestamente à tarde depois de terem feito pela manhã suas festas de N. S. do Rozario, de S. Benedicto, e do orago da capella do engenho, sem gasto dos escravos, acodindo o senhor com sua liberalidade aos juizes, e dando-lhes algum prêmio do seu continuado trabalho. (ANTONIL. In: TINHORÃO, 1997, p.47)

As manifestações de rua, com caráter de espetáculos, promovidas pelas irmandades no Brasil, constituíam desde o século XVII até o XIX, um importante acontecimento social que embora

pertencendo as solenidades litúrgicas da igreja católica, representavam sempre para as camadas populares um momento de lazer, em que lhes eram permitido participar tanto na condição de público quanto na de figurante da parte coreográfica ou teatral do evento.

Colocados sempre a margem das comemorações de caráter oficial, onde se apresentavam apenas na condição de observador, foi nas festividades religiosas que a população afrodescendente dos centros urbanos encontrou oportunidade de participação ativa.



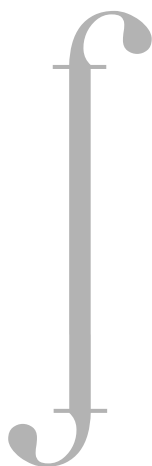
Considerações Finais



Nos últimos anos, o foco dos estudos a respeito da presença dos negros na sociedade brasileira tem se deslocado, estudiosos do tema vem buscando redirecionar suas análises, no intuito de perceber o papel histórico desempenhado por esses indivíduos, como importantes sujeitos no processo histórico de formação da sociedade brasileira. Nesse sentido, historiadores tem se voltado cada vez mais para a análise de diferentes variáveis de modo que modelos cristalizados nos quais a relação negro-escravidão que direcionava ao negro escravo ou liberto o papel de figurante na sua história, sendo incapaz de agir eficazmente no processo histórico, fosse superado.

Dessa forma, esses indivíduos foram sendo analisados a partir de suas histórias, que os mostram como seres humanos submetidos à dominação branca e que tinham outros valores e projetos – diferentes daqueles da sociedade dominante – e lutaram por eles. Construindo alternativas de vida, lutando de diversas maneiras, conquistaram “direitos”, transformando as próprias relações as quais estavam submetidos.

Nesse sentido, historiadores estão privilegiando nos seus estudos as vozes e atitudes desses homens e mulheres, que lutaram para ter o direito de ir e vir, ter acesso a terra, manter linhagens e laços de solidariedade arduamente construídos através de manifestações culturais e outras práticas sociais.



Referências



ALENCASTRO, Luiz Felipe de. **O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no atlântico sul.** São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovitch. **A cultura Popular na Idade Média e no Renascimento.** Tradução: Yara Frateschi. São Paulo: HUCITEC; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999.

CABRAL, Hidaci. **Festejos e Procissões na Bahia (1700-1889).** Salvador, Ed. Limiar, 1995.

DEBRET, Jean Baptista. **Viagem pitoresca e histórica do Brasil.** In: Memórias de um Colono no Brasil. São Paulo: Livraria Martins, 1941.

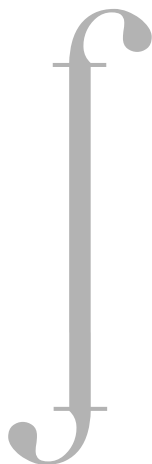
ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos:** Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução de Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & Senzala.** Rio de Janeiro: José Olympio, 1958. São Paulo: Contexto, 2007.

GILROY, Paul. **O atlântico negro.** Tradução de Cid Knip Moreira. São Paulo: Ed. 34, 2001

HALL, Stuart. Da Diáspora: **identidades e mediações culturais.** Tradução: Adelaide Resende; Ana Carolina Escotequi; Cláudia Álvares; Francisco Rudiger; Sayonara Amaral. Belo Horizonte: Humanitas, 2003.

MILLET, José. **Aspectos de religiosidade popular angolana.** Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, São Paulo, p. 12-13, 1989/90.



Referências



MOURÃO, Fernando Augusto Albuquerque. **“Reprise” da África no Brasil.** Revista do Centro de Estudos Africanos da USP, São Paulo, 01 jan. 1978.

REIS, João José. **A Morte é uma festa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

SOARES, Carlos Eugenio. **A Capoeira Escrava e outras tradições rebeldes no Rio de Janeiro.** Campinas Editora da Unicamp, 2002.

TINHORÃO, José Ramos. **Os negros em Portugal:** uma presença silenciosa. 2. Ed. Lisboa: Editoria Caminho, 1988.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

Os Valores de Barnabé

Como Modelo na Formação
de Líderes e Obreiros na Igreja
Cristã Contemporânea

Mozart Pereira da Silva Neto,
Francisco de Assis Saraiva da Silva



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 07

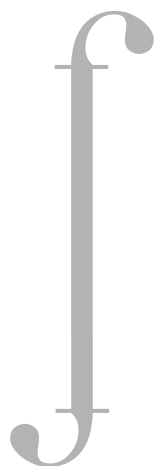
1 Quem foi Barnabé
(Um resumo biográfico)

Página 09

2 Principais Obras e
Ações de barnabé

Página 14

3 As lições
de Barnabé



Os Valores de Barnabé

Como Modelo na Formação
de Líderes e Obreiros na Igreja
Cristã Contemporânea



Resumo

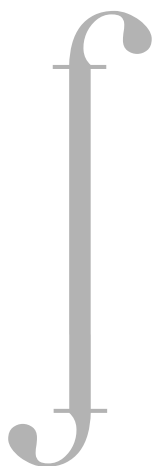
A presente obra trata da preparação de líderes e obreiros para a missão cristã na igreja contemporânea, baseada nos exemplos de José Barnabé, a partir das narrativas de Lucas contidas na Bíblia Sagrada. De início, expõe um resumo biográfico de Barnabé e em seguida vai discorrer sobre alguns valores legados pelo citado personagem no decorrer de seu ministério, tais como: suas obras e ações, algumas de suas qualidades e as lições deixadas por ele, como modelo pedagógico a ser utilizado na formação cristã. Todo o trabalho está fundamentado, principalmente, nos escritos bíblicos do Novo Testamento, a partir do livro dos Atos dos Apóstolos.

Palavras-Chave: PREPARAÇÃO; LÍDERES; OBREIROS; BARNABÉ;

Abstract

This work deals with the preparation of leaders and workers for the Christian mission in the contemporary church, based on the examples of Joseph Barnabé, from the narratives of Luke contained in the Holy Bible. At first, he presents a biographical summary of Barnabé and then discusses some values bequeathed by the aforementioned character during his ministry, such as: his works and actions, some of his qualities and the lessons left by him, as a pedagogical model to be used in Christian formation. All work is based mainly on the biblical writings of the New Testament, from the book of the Acts of the Apostles.

Keywords: preparation; leaders; workers; barnabas;



Introdução

Percebemos que a qualidade da educação cristã na igreja contemporânea está bastante carente dos verdadeiros ensinamentos bíblicos legados por Jesus, seus discípulos e seus seguidores fiéis. Acredito que um dos motivos principais para esta escassez seja a má formação daqueles que exercem funções de liderança, muitas das vezes, baseadas em interesses pessoais e pensamentos equivocados de quem os prepara. A formação do indivíduo para exercer qualquer atividade relacionada a igreja cristã deve ser fundamentada nas sagradas escrituras, seguindo os bons exemplos dos grandes homens de Deus.

Ao lermos a narrativa de Lucas registrada no livro dos Atos dos Apóstolos, no contexto dos primeiros dias dos cristãos em Jerusalém, encontraremos um personagem chamado José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé (At 4.36). Ele se destaca por sua generosidade, desprendimento, sabedoria, humildade, coragem, dentre outras qualidades.

A matéria proposta para este Artigo tem como objetivo apresentar este homem que, para muitos, parece ter um papel secundário, mas, que aparece logo no início da história da igreja, para em seguida se destacar em várias situações e acontecimentos ocorridos na época. Barnabé era um pregador de fé, chamado textualmente de “cheio do Espírito Santo” (At 11.24), demonstrava sua confiança inabalável através de suas ações.

Abordaremos neste trabalho o Barnabé canônico, citado no livro dos Atos dos Apóstolos, suas qualidades, exemplos e ensinamentos durante seu ministério, como modelo pedagógico na instrução e no preparo de líderes e obreiros. Quem foi este homem? Quais as obras e ações de maiores destaques? Iremos pesquisar sobre a sua vida e extrair lições importantes para a meta proposta aqui.

Inicialmente, fizemos o uso da Bíblia Sagrada, já que “as únicas fontes primárias confiáveis sobre Barnabé são mesmo o livro de Atos dos Apóstolos e algumas pequenas citações nas cartas paulinas” (SANCHES, 2019, p. 16). Em seguida realizamos pesquisas bibliográficas, por meio de livros, trabalhos acadêmicos, artigos científicos, periódicos e outros, sendo físicos ou digitais, estes através de buscas na internet.

1 Quem foi Barbabé (Um resumo biográfico)

José, a quem os apóstolos deram o sobrenome de Barnabé, que quer dizer “filho de exorta-ção”, era levita originário de Chipre (At 4.36), país atualmente localizado ao sul da Turquia, a oeste da Síria e do Líbano, a noroeste de Israel, ao norte do Egito e a leste da Grécia (<https://pt.wikipedia.org/wiki/Chipre>). É “o primeiro homem mencionado por sua generosidade, que vendeu uma propriedade e trouxe o dinheiro da venda aos apóstolos para que as necessidades dos membros mais pobres da igreja fossem supridas” (PFEIFFER, p. 263).

Alguns eruditos o consideram, assim como Paulo e Pedro, um dos mais importantes pregadores do Novo Testamento, tendo seu nome citado logo no início da história da igreja, já entrando em cena com um papel de destaque, sendo “um dos personagens mais atraente de todo o livro de Atos” (GONZÁLEZ, 2011, p. 170). Outros acreditam que Barnabé “foi um dos primeiros a abraçar o cristianismo após a ressurreição do Senhor” (RATZINGER, p. 141) e, provavelmente, “tenha feito parte dos 70 homens escolhidos por Jesus Cristo para serem percursores na evangelização de cidades por onde Ele haveria de passar” (SANCHES, p. 18).

É bem provável que Barnabé faça parte desse seleto grupo, que, juntamente com os Onze e outros discípulos, perfaziam quase 120 pessoas no dia de Pentecostes (At. 1.15). Pedro certamente falou dos Setenta quando mencionou aqueles “que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, começando desde o batismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima” (vv. 21,22) (Sanches, Ciro, 2019).

Barnabé não é só um coadjuvante na história da igreja e sim pioneiro em diversas ocasiões narradas no livro de Atos dos Apóstolos. Após algumas pesquisas, podemos declarar que ele é o primeiro neste livro a ser chamado de maneira indireta de profeta, ou seja, foi um prenunciador dos pregadores levantados por Deus à época que tinham o ministério profético.

Ele é o primeiro dos apóstolos a ser chamado de mestre (At 13.1), também, como dissemos antes, foi o primeiro mencionado por sua generosidade. É o terceiro a ser aludido por nome em meio aos missionários mais notáveis daquele período, Pedro e João são os primeiros (SANCHES, p. 17).

De acordo com Alessandra Veigas, em sua Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação PUC-Rio, 2011), o seu cognome, Barnabé, sobrepuja seu nome, pois, tendo a generosidade como sua maior marca, cujo âmago é a consolação ou exortação do próximo, transforma-o, provavelmente, em um ícone de suas próprias qualidades. Enfim, o nome José fica totalmente esquecido, ao longo de toda às vezes que foi citado após sua apresentação, tanto em Atos como nas epístolas paulinas.

Outrossim, destaca a figura interessante deste personagem tão instigante, como modelo de bondade e ousadia, características marcantes que o identifica em toda sua trajetória, é alguém muito respeitado na comunidade.

Cada um de nós possui uma característica peculiar - física ou psíquica - que nos marca e faz com que sejamos reconhecidos nos ambientes que frequentamos. A partir daí, passamos a ser identificados por esta ou aquela palavra, ou expressão, que funciona como uma espécie de molde ao qual nos adaptamos. (Veigas, Alessandra, 2011)

O ministério de Barnabé foi similar ao de Paulo: pregador, apóstolo e mestre dos gentios. Ele desempenhou importante papel na vida da igreja em várias ocasiões e cumpriu fielmente a ordem da grande comissão dada por Jesus (Mt 28.19, 20).

f 2 Principais Obras e Ações de Barnabé

f 2.1 Vendeu uma terra e colocou o valor aos pés dos apóstolos (At 4.37).

Ele era um homem aparentemente rico, como um levita, que não podia possuir campos em Jerusalém, é bem provável que tivesse propriedades em sua terra natal, Chipre, local de habitação gentílica. “A mensagem da generosidade e do compartilhamento dos bens no seio da comunidade da Igreja Primitiva e na pessoa de Barnabé torna-se uma mensagem ético-teológica” (Alessandra Veigas, p. 94), ou seja, neste caso, seu comportamento e sua conduta estão fundamentadas na fé.

Este foi o primeiro ato de Barnabé registrado na Bíblia, colocando-o em evidência por sua generosidade, mas, dali em diante, se destacaria em várias outras situações e acontecimentos que veremos a seguir.

f 2.2 Convenceu os apóstolos da veracidade a conversão de Paulo (At 9.27).

A conversão de Paulo foi considerada a mais importante da história da igreja, nenhum homem influenciou tanto no cristianismo. Era um perseguidor implacável dos seguidores de Jesus, seu desejo era exterminá-los por completo. Após ser convertido pelo próprio Cristo, ele iniciou seu ministério em Damasco, onde foi bastante perseguido pelos judeus que ali moravam, o que o obrigou a fugir (9.22-24).

O então Saulo, agora chamado de Paulo, foge para Jerusalém, com o objetivo de conseguir proteção, mas os discípulos não acreditavam em sua conversão haja vista sua terrível fama anterior.

Aparentemente, imaginavam que ele estava querendo penetrar na igreja para sabotar a fé cristã ou mesmo preparar uma armadilha para capturá-los (9.26).

Barnabé, porém, como o “filho da exortação (encorajamento)”, investe na vida de Paulo, encaminhá-lo aos apóstolos e conta-lhes todos os acontecimentos desde a experiência no caminho de Damasco, só então Paulo tem refúgio em Jerusalém (9.27-29). Conforme o texto da epístola de Paulo aos Gálatas, ele conversou com os apóstolos Pedro e Tiago, irmão do Senhor (Gl 1.18-24).

Nosso protagonista aqui comprova ser um encorajador por natureza, sempre olhando o lado bom das pessoas, arriscou sua liberdade e a própria vida ao se aproximar do temível Saulo. Assim, pelo poder do Espírito Santo, demonstrou entendimento em relação à sinceridade de coração do agora Paulo, o apoiando em momentos tão delicados, “tornando-se fiador dele, garantindo que o ex-perseguidor do Caminho tivera um encontro real com Jesus Cristo” (SANCHES, p. 40).

f 2.3 Representou os apóstolos em Antioquia e comprovou que o movimento ali existente procedia de Deus (11.22-24).

A cidade de Antioquia localizava-se na província romana da Síria e era sua capital e sede militar. Foi considerada a terceira metrópole do império romano e ficava atrás em importância somente de Roma e Alexandria. Devido ao seu posicionamento na região, era uma cidade bastante proeminente, um centro para intercâmbio de ideias e culturas, encontravam-se ali muitas religiões e tradições filosóficas. Foi “uma cidade de má fama à semelhança de Corinto” (BOOR, p. 170). Eruditos acreditam que Antioquia substituiu Jerusalém como a principal cidade cristã, tornando-se o centro da atividade missionária inicial da igreja. Além disso, nela ocorreram diversos sínodos e concílios, onde encontramos, também, figuras como Inácio, Teófilo e outros.

As várias, até então, supostas conversões a Jesus como Senhor, Salvador e Cristo, ocorridas naquela cidade chamou a atenção da igreja de Jerusalém, que resolveu enviar alguém com conhecimento, de bom relacionamento e de total confiança para lá. O objetivo seria confirmar se a origem de todo aquele movimento procedia de Deus, “o colégio apostólico deveria enviar o pastor e pregador mais preparado para enfrentar esse grande desafio” (SANCHES, p. 47). O homem escolhido foi Barnabé, aquela igreja enviou seu melhor encorajador para cumprir a missão a ele confiada. A expansão do evangelho em Antioquia realmente estava ocorrendo, no entanto, tratava-se apenas de uma pregação inicial, pois, mais adiante Barnabé e Paulo anunciariam aos antioquenos a mensagem completa de Cristo.

Em pouco tempo, a Igreja de Antioquia da Síria tornou-se uma potência, um centro irradiador do evangelho. Logo após o Pentecostes inaugural, houve muitas conversões em Jerusalém. Mas, depois de algum tempo, a igreja-mãe, sufocada pelas seitas extremistas do judaísmo, na cidade do Templo, deixou a evangelização de lado. Com isso, ela cedeu espaço para a igreja antioquena. (Sanches, Ciro, 2019)

A despeito de outros personagens, com protagonismos considerados maiores do que os de Barnabé, não podemos diminuir sua importância, pois, se destaca em vários acontecimentos da história da igreja primitiva. Neste caso, recebeu um chamado especial, uma missão apostólica: firmar a igreja gentílica, começando por Antioquia, onde exerceu uma liderança primordial para o crescimento evangelístico naquela localidade. De acordo com Sanches (p. 47), ele era tão respeitado pela liderança da igreja, que viria a ser reconhecido como apóstolo com Paulo (cf. At 14.14), se destacando não apenas por sua atuação como pregador e mestre em Antioquia, mas, também, por sua autonomia como principal líder da comunidade.

f 2.4 Foi escolhido pelo Espírito Santo, com Paulo, na primeira viagem missionária (13.2).

Após cumprir com êxito sua tarefa em Antioquia, contribuindo grandemente para o estabelecimento da igreja cristã naquela localidade, Barnabé, com Paulo, foi separado pelo próprio Espírito Santo, para a obra a que Deus os tinha chamado.

Havia na igreja de Antioquia profetas e mestres: Barnabé, Simeão, por sobrenome Níger, Lúcio de Cirene, Manaém, colação de Herodes, o tetrarca, e Saulo. E servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Separai-me, agora, Barnabé e Saulo para a obra a que os tenho chamado. Então, jejuando, e orando, e impondo sobre eles as mãos, os despediram (At 13.1-3).

Nota-se que mesmo a igreja de Jerusalém sendo considerada a principal da época, o Espírito Santo não os destinou àquela cidade para serem separados pelos apóstolos. A comunidade cristã de Antioquia recebera a incumbência de enviá-los, esta já tinha autonomia para ligar na terra o que Deus previamente ligara nos céus (SANCHES, p. 76).

Conforme descrito nos versículos supramencionados, é bem provável que o Espírito Santo tenha usado um daqueles cinco homens para dizer a igreja antioquena que escolhera Barnabé e Paulo para a obra missionária. Supõe-se que se reuniram a fim de

entender qual seria a vontade de Deus sobre o projeto da nova missão fora das próprias fronteiras. No contexto de uma intensa oração, os profetas tomaram a palavra e, sob o impulso do Espírito, apontam Barnabé e Saulo como os candidatos para o novo encargo (FABRIS, p. 198).

Esse comissionamento ou consagração marca um importante ponto de mudança na história da igreja, com Barnabé e Paulo sendo escolhidos para propagarem a mensagem do evangelho a todo o Império Romano.

Sabemos que o grande personagem do Novo Testamento, em relação às viagens missionárias, depois de Jesus Cristo, é Paulo. Ainda que os feitos deste sejam mais destacados, o autor de Atos dos Apóstolos relata muitos momentos em que Barnabé anunciava o evangelho em várias regiões, exortando seus ouvintes a que perseverassem na graça de Deus. Falava “de tal modo, que veio a crer grande multidão, tanto de judeus como de gregos.” (At 13.43; cf. 14.1). Ele e Paulo se expressavam “ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios.” (At 14.3).

f 2.5 Defendeu o trabalho entre os gentios no concílio de Jerusalém (15.12, 22, 25).

O Concílio de Jerusalém, descrito no livro de Atos dos Apóstolos, capítulo 15, foi uma assembleia em que reuniu as principais lideranças das comunidades cristãs, naquela cidade, onde foi apresentada questões acerca da necessidade ou não da circuncisão aos cristãos gentios, bem como, da observância dos mesmos a lei de Moisés.

A pauta acima descrita teve sua origem em Antioquia, onde alguns judeus convertidos ao cristianismo, da seita dos fariseus ou judaizantes, advogavam em favor do seguimento das prescrições da Torá, em especial, defendiam a circuncisão entre os gentios. Eles enfatizavam em suas pregações que “Se não vos circuncidardes segundo o costume de Moisés, não podereis ser salvos” (At 15.1). Este era um pensamento equivocado, que não reconhecia que a salvação é oferecida de modo exclusivo pela graça de Deus, mediante a fé (Ef 2.8,9).

Barnabé e Paulo passam a contrapor os argumentos apresentados pelos fiéis cristãos de origem farisaica, todavia, estes não se intimidaram e recusaram-se a acatar os ensinamentos oferecidos pelos Doi. A divergência entre eles, causa uma grande perturbação no meio da comunidade, comprometendo seriamente a unidade e harmonia entre judeus e gentios “Tendo havido da parte de Paulo e Barnabé, contenda e não pequena discussão com eles” (At 15.2a).

Diante da gravidade do problema, a congregação antioquena resolve enviar Paulo e Barnabé e alguns outros entre eles a Jerusalém “aos apóstolos e presbíteros, com respeito a esta questão.” (At 15.2b). Destinados à viagem e acompanhados até certo ponto por representantes da igreja, atravessaram as províncias da Fenícia e Samaria. Paulo e Barnabé não se limitam apenas a cumprir a missão a eles atribuída, pelo contrário, aproveitam e testemunham por onde passam a conversão de muitos gentios, causando grande alegria entre os irmãos (At 15.3).

Ao chegarem ao seu destino, após serem acolhidos afavelmente pelos apóstolos e pelos presbíteros, relataram as maravilhas que Deus fizera por meio deles. Tudo estava tranquilo, até que, surge um novo protesto de fiéis fariseus afirmando que não há verdadeira conversão sem circuncisão e obediência à Lei de Moisés (At 15.4,5). Provavelmente, essa nova contestação tenha partido de um grupo de judaizantes de Jerusalém, com o mesmo pensamento dos de Antioquia.

Diante dos questionamentos, os apóstolos e os presbíteros se reuniram para deliberarem sobre o assunto. Pedro intervém em favor dos gentios, fundamentando a decisão a partir de fatos e experiências vividas por ele, testemunhadas sob a luz da fé (At 15.6-11).

Mesmo contrariados, os judaizantes tiveram de calar-se, pois a palavra de Pedro tinha muito peso. A partir desse momento, Barnabé e Paulo não tiveram nenhuma dificuldade para contar a todos “quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios” (At 15.12) (SANCHES, p.133).

Percebe-se, neste texto, que Barnabé é mencionado primeiro, demonstrando o quão era respeitado pelos apóstolos. “Desta vez foi ele o orador” (HORTON, p. 163); lembrando que Paulo também discursou, certamente, logo em seguida.

A reunião continua, desta vez, com o discurso do apóstolo Tiago, que reforça as palavras de Pedro, mencionando uma prova Escriturística na conclusão e confirmando o desejo de Deus em reunir para si todos os povos. Tiago reitera a decisão de aceitar os gentios sem a imposição da Lei, apresentando as seguintes condições: abster-se das contaminações dos ídolos, das relações sexuais ilícitas, da carne de animais sufocados e do sangue (At 15.13-21; cf. Am 9.11,12).

Ficou decidido, então, que os apóstolos com os presbíteros e toda igreja reunida, enviassem delegados, que pessoalmente encaminhariam uma carta a comunidade de Antioquia e a todas as igrejas gentílicas. Mais uma vez Barnabé e Paulo, agora com Judas Barsabás e Silas, que eram homens notáveis entre os irmãos, são escolhidos para essa missão (At. 15.22,23). Barnabé e Paulo são citados na carta como “homens que tem exposto à vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo” (At. 15.26).

f 3 As Lições de Barnabé



f 3.1 Generosidade

A primeira menção feita a Barnabé nas Sagradas Escrituras destaca justamente sua generosidade, em vender uma propriedade e depositar todo o valor aos pés dos apóstolos. O compartilhamento de bens no contexto daquela comunidade, onde havia vários novos convertidos pobres e necessitados, estabelecia um ambiente de graça e simpatia daquele povo. Barnabé era um homem cheio de fé, além disso, demonstrava essa imensa confiança através de obras. Infelizmente, o que vemos hoje em dia são “muitos mercadores da fé, falsificadores da palavra de Deus, que se aproveitam da credulidade dos incautos para subtrair seus recursos e bens” (Sanches, p. 10).

Aprendemos com o nosso personagem que atitudes de liberalidade, de altruísmo, quando realizadas por verdadeiros cristãos, além de agradar e glorificar a Deus, torna-se um meio de atrair mais pessoas a se converterem ao Evangelho de Jesus Cristo e a consequente salvação.

f 3.2 Coragem

Em meio as muitas qualidades de Barnabé, vale ressaltar sua coragem, demonstrada em várias ocasiões durante seu ministério. Veremos a seguir algumas situações:

a. Arriscou sua liberdade e a própria vida ao se aproximar do então perigoso perseguidor Saulo. Entretanto, acreditou nele, o levando aos apóstolos e relatando como ocorrera sua conversão (At 9.26-30), “tornando-se fiador dele, garantindo que o ex-perseguidor do Caminho tivera um encontro real com Jesus Cristo” (Sanches, p. 40).

b. Revelou sua coragem e ousadia ao declarar que os judeus haviam rejeitado o evangelho de Cristo, por isso, agora estavam voltados para os gentios. Não se intimidou diante da perseguição dos judeus, das mulheres ricas e dos principais da cidade (At 13.46, 50 e 51).

c. Pregou com Paulo na sinagoga judaica em Icônio, falando ousadamente no Senhor, mesmo diante das ameaças de insultos e apedrejamento, ao mesmo tempo, em que exerceu sabedoria ao entender quando fugir (At. 14.1-6).

f 3.3 Fidelidade, Preparo e Confiança

Barnabé era um membro fiel e destacado na Igreja, tinha toda a confiança dos apóstolos e da comunidade cristã de Jerusalém. “Como levita, conhecia bem as Escrituras e as práticas judaicas” (Sanches, p. 47), também, entendia bem os pensamentos dos gentios, já que nasceu em Chipre. Quando se precisou de alguém preparado para compreender o que se passava em Antioquia, obviamente este homem fora escolhido.

Além da fidelidade, o verdadeiro líder e o obreiro que serve na obra do Senhor deve buscar conhecimentos gerais e, principalmente, das Sagradas Escrituras. O que percebemos nos dias atuais é uma falta de preparo bíblico/teológico para essas funções, trazendo como consequência a deficiência do aprendizado dos demais membros da igreja cristã. Sigamos o exemplo de Barnabé que, com sua capacidade prática e seu desempenho ministerial, contribuiu grandemente para que a Igreja de Antioquia prosperasse. Ele se destacou como pregador, mestre e por sua autonomia como principal líder daquela comunidade, “tinha, sem dúvida, uma missão apostólica: consolidar a igreja gentílica, começando por Antioquia” (Sanches, p. 45).

f 3.4 Espiritualidade

Vários motivos nos leva a crer que Barnabé tinha comunhão íntima com o Espírito Santo. Nas narrativas Lucanas contidas no livro de Atos dos Apóstolos ele o descreve como “homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé” (At 11.24), alguém que se esvaziava de si mesmo e tinha a unção de Deus sobre sua vida.

Ciro Sanches diz o seguinte sobre o que Lucas quis deixar claro, desde o início, em relação à pessoa de Barnabé:2

Era um homem cheio do Espírito Santo e chamado por Deus para realizar múltiplas tarefas em prol do seu Reino. Somente alguém guiado e inteiramente dominado pelo Paráclito poderia ser pregador do evangelho, discipulador, profeta, mestre, animador – não de auditório! – e conselheiro (SANCHES, p. 59).

Sua pregação, ungida pelo Espírito Santo, levava a crer grande multidão, dentre elas pessoas influenciadas pelas mais diferentes culturas (At 14.1), o poder milagroso de Jesus Cristo operava através de suas mãos (At 14.3). Ele foi chamado por Deus para colocar em prática, diversas tarefas a favor de seu Reino, porque nele foi encontrado o fruto do Espírito (cf. Gl 5.22; Ef 5.9).

Atualmente muitos líderes cristãos valorizam demasiadamente os dons, contudo, observamos, no caso de Barnabé e de seus companheiros, que a boa reputação vem primeiro (At 6.3; 11.24). É preciso ter intimidade com Deus, meditando em sua Palavra, para que haja mudança em nosso caráter e o Espírito Santo seja percebido em nós, “a boa reputação é a primeira qualidade perceptível do crente verdadeiramente espiritual” (Sanches, p. 60).

f 3.5 Pacificação e Humildade

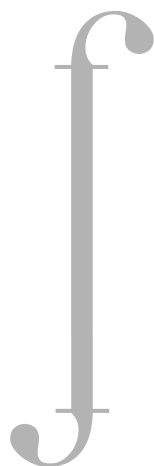
Barnabé era um homem conciliador e reconhecedor de valores, em Antioquia ele encoraja os irmãos a permanecerem no Senhor e em Jerusalém avaliza e se responsabiliza pelo então Saulo, quando todos ainda o tinha como uma ameaça. Barnabé não tinha preconceito, sempre via o lado bom das pessoas, era atraído por quem podia animar e encorajar, acreditava que Deus era capaz de mudar seja quem for.

Deus é soberano e tem os seus Barnabés em cada cidade, cada igreja, cada campus de faculdade e seminário, até no campo missionário. Cada Barnabé fica preparado para alguém que necessite de encorajamento no momento em que é chamado (SANCHES, p. 40).

Em diferentes textos neotestamentários há relatos em que Barnabé também incentivaria a outros fiéis no trabalho missionário. O bom líder pacifica, encoraja, não esquece e não desiste das pessoas, mesmo aquelas mais desprezadas na comunidade.

Barnabé era um homem altruísta, pacificador, encorajador, paciente, benigno, bondoso, fiel, manso, justo, equilibrado e, ainda, um excelente pregador, que contribuiu para o grande crescimento da igreja cristã primitiva. Mesmo diante de tantas qualidades se manteve humilde e sensível à direção de Deus em tudo que realizava, quando precisou de ajuda buscou-a em seus companheiros. Teve a dignidade de servir ao Senhor como líder e continuar a servi-lo como liderado em vários momentos.

Nosso personagem é um ótimo exemplo a ser explorado pedagogicamente na formação cristã, ele “reconciliava crentes com crentes, corria risco [...] em relacionamentos humanos, promovia o ministério de outros e regozijava-se com o sucesso deles” (HUGHES, p. 139).



Considerações Finais



Nos dias atuais, percebe-se uma grande variedade de metodologias usadas na preparação de líderes no meio cristão, algumas são até úteis, mas, não adianta usar de estratégias que entendemos ser eficientes, sem que haja a direção do Espírito Santo. “Não apagueis o Espírito” (1 Ts 5.19), este é apagado sempre que seu ministério é abafado na vida de um pessoa ou na igreja. Não podemos pensar em formar um indivíduo, que vai exercer influência no comportamento de outros, com nossas próprias habilidades.

Por que existem tantos líderes fracos? Será por causa de métodos inadequados? A espiritualidade e a Sã Doutrina tem que prevalecer sobre as conveniências, heresias e modismos que, infelizmente, muitos pastores são tentados a adotar em suas comunidades. A Palavra de Deus orienta com muita clareza:

Confia no SENHOR de todo o teu coração e não te estribes no teu próprio entendimento. Reconhece-o em todos os teus caminhos, e ele endireitará as tuas veredas. Não sejas sábio aos teus próprios olhos; teme ao SENHOR e aparta-te do mal (Pv 3.5-7).

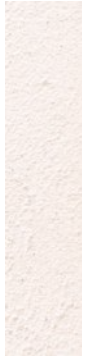
A instrução de Barnabé foi extensa, seu processo de ensino, baseado na “doutrina dos apóstolos”, que passavam para a igreja tudo que Jesus os ensinou, aliada a sua fé e comunhão com Deus, foi, sem dúvidas, o motivo para o sucesso de seu ministério. É assim que deve ser feito! Instruir os fiéis de acordo com as Escrituras sob a condução do Paráclito.

Mesmo diante de tantas mudanças no decorrer do tempo, a comunidade cristã contemporânea precisa continuar baseando o ensino e prática na Palavra de Deus, dentro do preparo formal de líderes e obreiros em suas escolas. Barnabé foi ensinado primeiro na sua igreja em Jerusalém e, depois, com experiências práticas em Antioquia, para em seguida ser enviado a outros lugares.

Vimos ao logo deste artigo que Barnabé era bastante virtuoso, possuidor de vários atributos, mas, reconhecia a sua pequenez e que era totalmente dependente da presença e direção do Espírito Santo.



Referências



BOOR, Werner de. **Atos dos Apóstolos**. 1. ed. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

FABRIS, Rinaldo. Paulo: **Apóstolo dos Gentios**. 6. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

GONZÁLEZ, Justo L. Atos: **O Evangelho do Espírito Santo**. 1. ed. São Paulo: Hagnos, 2015.

HORTON, Stanley M. **O Livro de Atos**. 1. ed. Deerfield, Florida: Editora Vida, 1983.

HUGHES, R. Kent. Acts: **The Church Afire**. 1. ed. Wheaton, Illinois: Crossway, 1996.

PFEIFFER, Charles F. et al. **Dicionário Bíblico Wycliffe**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2006.

SANCHES, Ciro. **O Pregador de Fé e Obras**. 1. ed. Rio de Janeiro: CPAD, 2019.

RATZINGER, Joseph. **Os Apóstolos e os Primeiros Discípulos de Cristo**. 1. ed. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2010.

RYRIE, Charles C. **A Bíblia anotada**: edição expandida. Ed. rev. e expandida. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

SITES:

https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&as_vis=1&q=a+constru%C3%A7%C3%A3o+narrativa+de+barnab%C3%A9&btnG Acesso em 17/10/2022 às 08:52h

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Chipre> Acesso em 27/10/2022 às 09:30



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

REVISTA



Edição Nº 1. Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES

Sermões 59 & 128 de John Wesley E a Influência Paulina

Mozart Pereira da Silva Neto
Daniel Alves de Araújo Costa



EDITORA
FMB

REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES





 editora.faculdadefmb.edu.br

Todos os direitos desta edição
reservados para: Editora FMB Ltda.

Sumário

Página 07

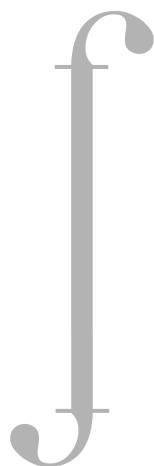
1 Concepções Wesleyanas
Sobre o Tema da Graça

Página 09

2 Análise dos Sermões
59 e 128

Página 17

3 Teologia
Paulina



Sermões 59 & 128 de John Wesley

E a Influência Paulina



Resumo

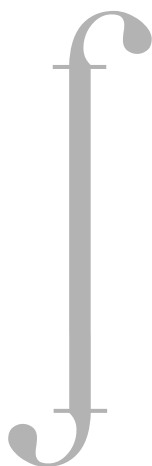
Baseado nos sermões 59 e 128 de John Wesley, a redação acadêmica proposta nesta pesquisa, buscará entender a influência do apóstolo Paulo, dentro do cerne das questões buscadas em cada instante da pregação, sendo de forma singular a metodologia de Wesley, nesse contexto, sobre a Graça, a Caridade e a abnegação do ser, de tal forma, buscar-se-á a clareza e simplicidade sem rebuscamento a escrita do contexto proposto, história, interpretação e ação. São pontos culminantes dentro do contexto pesquisado, ou seja, a Graça e a teologia Paulina.

Palavras-chave: Graça; Teologia Paulina; Sermões; Método.

Abstract

Based on the sermons 59 and 128 of John Wesley, the academic essay proposed in this research, will seek to understand the influence of the apostle Paul, within the core of the questions sought at every moment of preaching, being in a singular way Wesley's methodology, in this context, on Grace, Charity and the selflessness of being, in such a way, clarity and simplicity will be sought without seeking the writing of the proposed context, history, interpretation and action. These are culminating points within the researched context, that is, Grace and Pauline theology.

KEYWORDS: Grace; Pauline Theology; Sermons; Method.



Introdução

O tema que procura-se abordar encontrará no seio da teologia wesleyana, a qual tem seus alicerces nos ensinamentos paulinos.

Ver-se-a que Paulo e John Wesley enfatizaram o amor de Deus pelo ser humano em todo o tempo. Amor que transpõem barreiras culturais e ideológicas, sendo assim, por vezes incompreendido ou mesmo deformado. Dois homens que em tempo absolutamente peculiares e distintos puderam conhecer um Deus absolutamente amoroso e acolhedor.

Paulo, nos primórdios da era cristã e John Wesley em plena revolução industrial. Eles vivenciaram épocas de transformações sociais, políticas e religiosas que transformaram suas vidas e que os levaram além das formulações existentes de seus contemporâneos. Tal fato os torna ícones de extrema importância para nós, estudantes de teologia.

Mediante ao ensaio de 2 sermões que Wesley foi fortemente influenciado pela teologia paulina, por isso, provavelmente se tornou profundo, prático e incorruptível; apesar das críticas e dificuldades sofridas também pelo apóstolo.

Dentre outros objetivos, o presente estudo visa demonstrar que o termo usado hoje por nós metodistas como Graça, já detinha extrema importância nas páginas bíblicas sob o nome de: amor de Deus.

O amor de Deus ou Graça se encontra como o centro da mensagem cristã em todos os tempos, encontrando maior ou menor ênfase de acordo com a tendência teológica vigente.

Mas, independentemente das tendências teológicas, o cerne é que a salvação é para toda a humanidade, em todas as épocas, culturas, nacionalidades e etnias.

Ser-se-a a pesquisa na Bíblia através dos escritos paulinos, bem como nos sermões de Wesley do século XVIII e alcunhado por vários autores que embasarão de forma uniforme o contexto do ensaio acadêmico.

1 Conceções Wesleyanas Sobre o Tema da Graça

O objetivo deste Capítulo é sinalizar a importância do tema da Graça para o fundador do Movimento Metodista – John Wesley e como esta foi estruturada dentro da concepção de sua época. Veremos também que este era um tema novo, pois, a Predestinação defendida pelos Calvinistas era amplamente aceita na Inglaterra do século XVIII.

Constataremos que o tema da Graça é central na Teologia Wesleyana, bem como a expressão desta através de um Deus completamente envolvido em amor que dá o primeiro passo com relação ao ser humano no que se refere a aceitação de sua Graça e conseqüente salvação.

Para tanto, inciaremos com a posição histórica de John Wesley, observando questões relevantes em sua época que vieram de encontro a concepções defendidas por ele.

f 2.1 A Posição Histórica de John Wesley

John Wesley enfrentou várias questões teológicas e pastorais em seu tempo, mas a que tomou tamanha consideração em seus debates foi a Doutrina da Predestinação defendida pelos Calvinistas.

Para Klaiber e Marquadt, o motivo para esta decidida recusa da doutrina da predestinação por parte de Wesley, podem ser resumidas em algumas afirmações. Essas afirmações dizem respeito à eleição ou rejeição de Deus, o qual decide quem será salvo e quem herdará a perdição eterna. Isso quer dizer que, independentemente de uma pessoa ser ouvinte e seguidor dos princípios cristãos se não for um eleito não herdará a vida eterna. Outra questão relevante é sobre a dupla predestinação, que afirma que a Graça é irresistível.

Tal fato pode fazer com que não haja seriedade na vida daqueles que são eleitos, pois mesmo que não obedeçam a sã doutrina herdarão o reino dos céus; e por fim, a doutrina da perdição incondicional que afirma algo anti- bíblico, pois as Escrituras são

são claras a afirmarem o desejo de Deus de alcançar toda a humanidade. 29

Esta doutrina era a principal inimiga de sua pregação, a qual ele criticava veemente, principalmente após a experiência do coração aquecido.

Quanto a isso, Runyon enfatiza que

“(...) no esforço em fazer-se aceitável a Deus à grata recepção do amor e aceitação de Deus por meio de Cristo; e a graça tornou-se uma realidade para ele (...) Podem-se levantar críticas a respeito da importância relativa desse fato no desenvolvimento de Wesley, mas está claro que a mensagem da 'justificação pela graça por meio da fé' assumiu grande importância na pregação e na correspondência de Wesley após a reunião da sociedade na Rua Aldersgate naquela noite de maio de 1738 (RUNYON, Theodore, 2002)

Wesley defendia que a presciência de Deus não é causal e determinista: “Não devemos pensar [que as coisas] são porque ele as conhece. Não; ele as conhece porque elas são”. O mesmo Runyon afirma que

“(...) para Wesley, o erro fundamental dos calvinistas está em assumir que pelo fato de Deus ser soberano, a presciência divina deve predeterminar o que vai acontecer. Mas se Deus introduziu, pela criação não apenas da humanidade, mas da liberdade humana, um agente causal independente no processo histórico, então ele abra espaço para a livre ação desse agente. A soberania divina inclui a provisão à liberdade humana”. (Ibidem, p. 57)

Para Wesley, se crêssemos em um 'Deus Predestinista', nos moldes de sua época, este Deus seria pior que o próprio Diabo, pois haveria criado uns para o paraíso e outros para a perdição eterna; não possibilitando ao ser humano a sua liberdade de escolha. O fim de cada pessoa já estaria traçado decisivamente antes mesmo de seu nascimento, tal procedimento seria inadmissível a um Deus de amor.

Esse assunto era de vital importância para Wesley, pois a aceitação de tal doutrina poderia acarretar em várias posturas anti-bíblicas, as quais desencadeariam algumas consequências. Runyon transcreve algumas destas consequências:

1. Toda pregação é em vão. Com ou sem ela, os eleitos serão inevitavelmente salvo. Com ou sem ela, os não-eleitos serão inevitavelmente condenados. 'Em qualquer dos casos, nossa pregação é em vão, bem como ouvi-la'. Essa é uma prova simples de que a predestinação não é uma doutrina de Deus, porque anula a ordem de Deus (i.e, pregar), e Deus não vai contra si mesmo;

2.A Santidade, 'que é o objetivo de todas as ordenanças de Deus', tende a ser destruída. A predestinação 'elimina aquelas primeiras motivações para buscar (a santidade), tão freqüentemente propostas nas Escrituras: (...) a esperança do céu e o temor do inferno'. Porém, ainda mais importante, ela 'inspira desprezo ou frieza para com aqueles que supomos os proscritos de Deus'. Mesmo que a pessoa não pretenda agir assim, o sentimento de desdém pelo outro e o orgulho de si mesmo se infiltram inesperadamente. 'Não se pode evitar aplicar sua doutrina geral a pessoas específicas'. Examine a si mesmo. 'Você bem sabe que não foi o espírito de amor que então sentiu pelo pobre pecador, a quem supôs ou suspeitou ter sido odiado por Deus dede a eternidade.

3.Ela também destrói o 'consolo da religião, a alegria do cristianismo', não apenas aos que se crêem reprovados, mas por aqueles que, tendo 'aprovado daquela boa dádiva' do consolo e segurança que a doutrina supostamente traz, 'logo a perderam novamente e retornaram às dúvidas, temores e trevas'. Hesitaram em buscar o contínuo consolo do Espírito Santo, temendo que este não estivesse disponível a eles.

4.Ela destrói o zelo pelas boas obras. Mina nosso amor pela maior parte da humanidade, os iníquos e ingratos. E 'o que quer que diminua o nosso amor acabará por reduzir o nosso desejo de lhes fazer o bem'. Porque deveríamos alimentar os famintos e vestir os nus? 'De que serve aliviar seus desejos temporais se eles estão justamente caindo no fogo eterno?'

O mais terrível, no entanto, é que a doutrina da predestinação apresenta o nosso bendito Senhor como um 'hipócrita, um enganador de pessoas': "não se pode negar que ele diz: Vinde a mim todos os que estão cansados e sobrecarregados. Portanto, se vocês afirmam que ele chama os que não podem vir, aqueles a quem ele sabe ser impossível vir, aqueles que ele poderá tornar possível a vinda, mas que não irão, como será possível descrever maior insinceridade? Vocês o apresentam debochando de suas criaturas impotentes, oferecendo o que jamais pretende dar, (...) dizendo uma coisa, mas com outra intenção (...) fingindo um amor que não tem. [Quando ele se aproximou de Jerusalém] vendo a cidade chorou [dizendo]:

'Quantas vezes quis eu reunir os vossos filhos (...) e vós não o quisestes (...) Agora, vocês afirmam: 'Eles quiseram', mas 'Ele não quis', vocês o mostram chorando lágrimas de crocodilo, chorando sobre a presa que ele mesmo condenou a destruição". (RUNYON, Theodore, 2002)

A doutrina da Predestinação vai de encontro a Salvação pela fé, defendida veemente por John Wesley. Ela tem a clara tendência à 'subverter toda a revelação cristã', pois lança escritura contra escritura ao fazer 'interpretações de alguns textos (...) que contradizem totalmente todos os demais'.

Na Concepção Wesleyana, a verdadeira predestinação consistiria em crer e receber a libertação da culpa do poder do pecado.

Bem como aqueles que perseverarem até o fim serão salvos; pois possuem o dom da fé e consequentemente sendo filhos de Deus recebem o Espírito de Santificação que os capacita a andarem como Cristo andou.

Assim, toda a humanidade era e é Predestinada a Salvação e não apenas alguns poucos eleitos.

Mediante tal argumentação, Wesley defendeu a proeminência da Graça de Deus em todos os âmbitos da Humanidade. Deus se revela ao ser humano em todos os momentos de sua vida, basta que este O veja e O aceite.

f 1.2 A Charis (Graça)

De acordo com a visão Wesleyana: “A presença de Deus no mundo é Graça. Sua natureza é Graça; Graça é o que Deus é, o que Ele sempre é: amor atuante”³⁵; a Graça de Deus permeia todos os lugares.

A questão principal é a percepção humana, que devido ao pecado, ficou como que ofuscada, impossibilitada de enxergar a Graça. O ser humano tem seu relacionamento com Deus destruído³⁶.

Poderíamos pensar no por que Ele não impediu Adão e Eva de pecar? Para Klaiber e Marquadt a resposta Wesleyana seria: “justamente, a liberdade corresponde à natureza essencial do homem, tal como Deus o quis criar como seu parceiro na criação”. Assim, o ser humano sempre foi dotado de liberdade de escolha, consequentemente, o pecado, como ato humano destrói a relação de confiança para com Deus e se torna uma força e uma tendência, que domina e destrói a vida dos homens. Fazendo com que o ser humano fique absolutamente distante de Deus e dependente do próprio Deus para enxergar e alcançar a Graça.

Nesse momento, a Graça Preveniente (Prévia) de Deus “produz o primeiro clarão de entendimento da vontade de Deus e desperta um sincero desejo de libertação do pecado e da morte”.³⁹ Nos impulsionando ao arrependimento e a fé, que segue um trajeto linear onde a Graça Justificante⁴⁰ e a Santificante⁴¹ levam o ser humano a se entregar completamente a Deus; reatando o relacionamento antes destruído pelo pecado.

Somente a Graça de Deus cria os pressupostos para a resposta da fé, sem ela o ser humano nunca reataria seu relacionamento com Deus, caminhando a passos largos para a perdição eterna, pois, sozinho não consegue alcançar a Graça, por não ter condições de fazê-lo visto sua completa incapacidade.

Podemos observar tal fato no relato de Klaiber e Marquadt que diz que:

“Antes que o homem seja iluminado, convertido, regenerado, renovado e atraído pelo Espírito Santo, ele é tão incapaz como uma pedra, um tronco e um peso morto, para dar início, por si mesmo e pelas próprias forças, e para praticar coisas espirituais, de se converter e de se regenerar.”
(KLAIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred, 1999)

Devido à influência recebida da Doutrina Arminiana⁴⁴, que ao abraçar a sola fide dos Reformadores, afirmava com convicção que o homem como criatura era capaz de se responsável⁴⁵, Wesley afirma que a Graça de Deus não é irresistível e sendo assim, o ser humano tem a liberdade de aceitá-la ou não.

Em seu conceito de salvação ele procura conservar um equilíbrio entre a iniciativa de Deus e a resposta do homem. Salvação é obra de Deus, mas Deus não viola a resposta livre do homem. Deus busca a salvação do homem, mas o homem pode aceitar ou rejeitar esta salvação. Ela se realiza através da graça, mas ao mesmo tempo o homem deve aceitar com arrependimento e fé verdadeira a dádiva da graça de Deus.

Por exemplo, em sua interpretação da justificação Wesley distingue três coisas que devem caminhar juntas em nossa justificação: “da parte de Deus, a sua grande misericórdia e graça; da parte de Cristo, a salvação da justiça de Deus... e da nossa parte, a fé viva e verdadeira nos méritos de Jesus Cristo”.

A graça de Deus e a vontade do homem estão ativas e unidas na salvação, mas a iniciativa de Deus é sempre guardada. O homem não tem qualquer base para pretender mérito ou orgulho em sua salvação. Deus e o homem cooperam sob o propósito e vontade redentora de Deus. Em sua posição equilibrada Wesley conserva a iniciativa de Deus e a responsabilidade do homem⁴⁹.

De acordo com W. H. Fitchett:

“Wesley crê firmemente na doutrina da liberdade humana. É isto que constitui o homem em agente moral, a não ser assim, seria impossível a existência da bondade. Na natureza humana se encontra uma faculdade augusta que é portadora de possibilidades infinitas. É o poder para dizer 'Não', até para o mesmo Deus, e esse poder é a porta temível pela qual o pecado entrou no mundo. Mas é também o poder para dizer 'sim' a Deus e desta forma, capaz de render-lhe um serviço que os soes e os planetas não lhes podem prestar, um culto desconhecido pelo universo material. Nas palavras de Wesley, o homem 'não é um simples torrão de terra, um pedaço de argila sem sentido ou entendimento, mas um espírito semelhante a seu Criador, espírito revestido de uma vontade livre, o poder de escolher o bem ou o mal, e da direção a suas próprias afeições e ações’.” (FITCHETT, W. H. 1927)

Assim, através da Obra de Jesus Cristo, o qual morreu por todos e não apenas pelos eleitos; sob a direção do Espírito Santo a liberdade lhe é restituída. A Obra Redentora de Jesus Cristo constitui-se em algo pessoal e condicional no sentido que uma aceitação em fé é necessária para a nossa salvação. Constitui-se em algo realizado por Cristo, mas que tem a necessidade da confiança pessoal em Cristo para ser salvo.

Sendo assim, por natureza o ser humano não é livre, mas mediante a ação da Graça este obtém a liberdade de escolha.

O Tema da Graça de Deus se constitui no centro da Teologia Wesleyana, pois é a partir dela que todo o contato do ser humano com Deus se inicia. Ela é a expressão máxima do amor de Deus pela humanidade.

Deus criou o ser humano, este se rebelou através do pecado e perdeu a Imagem de Deus e o relacionamento com Ele. Isto tornou o ser humano incapaz de uma reconciliação, pois, este distanciamento ocasionou uma total degradação.

Visto isto, o próprio Deus toma a iniciativa de uma reconciliação tendo o seu ápice em Jesus Cristo, onde o amor de Deus vence o poder do pecado e reconcilia os homens consigo. Uma iniciativa totalmente incondicionada que leva o ser humano a um caminho em que a Graça é vivenciada a cada momento sendo percebida ou não por ele, sendo mediada pelo Espírito Santo.

Constata-se portanto, que a natureza da Graça é o amor de um Deus absolutamente disposto a reconciliar consigo a sua criação, mas que pelo fato de ser essencialmente amor também permite ao ser humano a liberdade de escolha; podendo aceitar ou não esse amor incomparável.

John Wesley fundamenta toda a sua teologia a partir deste tema e combate firmemente todos os que ensinassem o contrário, como os Calvinistas.

Sendo assim toda a humanidade, mediante a Graça, tem a oportunidade de se reconciliar com Deus, visto que esta permeia em todos os lugares livremente mediante o Espírito Santo.

f 2

Análise dos Sermões 59 e 128



O objetivo deste capítulo é observar como se aplica o tema da Graça em dois dos sermões de Wesley, a saber: “O amor de Deus pelo homem caído” – 59 e “A Livre Graça”- 129, e quais as aproximações com a Teologia Paulina.

Sabe-se que os Sermões de Wesley se encontravam arraigados ao cotidiano do povo, nas experiências e na fé; pois concebia que a Teologia deveria ser um instrumento para a transformação e renovação da vida pessoal e comunitária.

Sendo assim, os sermões eram direcionados aos ouvintes tendo como objetivo uma resposta quase imediata. Tal fato fez de Wesley um grande orador, o qual levava os ouvintes a terem reações as mais diversas possíveis, frente os sermões pregados.

Para tanto, não podemos nos esquecer do contexto histórico e teológico em que estava envolvido e nem que ao lermos, temos todo um contexto por trás de nós que pode levar a variadas interpretações nos afastando do sentido real do sermão.

Consideraremos três aspectos na análise dos sermões:

- a. A Vida antes do Texto: procura responder no sermão analisado, como o nosso tempo e lugar se confrontam com o tópico abordado;
- b. A Vida do Texto: dissecar o sermão propriamente dito: sua estrutura, fontes, proposições, idéias centrais, conceitos chaves e relação com o pensamento total de Wesley;
- c. O Texto na Vida: onde perguntamos criticamente sobre o que tem sido incorporado à prática histórica do metodismo, o que a corrige ou amplia, mas também sobre o que necessita ser revisto ou fortalecido em termos da perspectiva contemporânea e da nossa realidade social.

Estaremos analisando os sermões 59 e 128, intitulados respectivamente de: “O Amor de Deus pelo homem caído” e “A Livre Graça”.

f

2.1 “O Amor de Deus Pelo Homem Caído” – Sermão 59

O texto foi escrito na Birmânia em 1782, e publicado na Revista Arminiana. O tema da Salvação é central, e relata a maravilhosa Graça de Deus sobre o ser humano, a qual expressa um Deus maravilhosamente glorioso, que revela o seu amor de maneira intensa. A queda de Adão trouxe a morte de Cristo e tal acontecimento fez com que o ser humano pudesse vislumbrar a grandiosidade do amor de Deus. O intuito do sermão era o de espalhar o amor de Deus por todo lado e para todo o mundo.

Este sermão é uma belíssima exposição do grandioso amor de Deus pela humanidade. Ele expressa a Onisciência, Onipotência e Eternidade de Deus, quando afirma que o fato de Adão ter pecado, caído; trouxe uma oportunidade ímpar para que o amor ágape fosse exposto e colocado em prática pelo próprio Deus. Tal fato oportunizou a humanidade ser mais santa e feliz. Pois com a queda, a humanidade conheceu um Deus que se relaciona intimamente, um Deus que cuida, que faz do sofrimento uma chance para crescimento e manifestação de Sua Graça e Presença.

Pelo fato de Adão ter caído, Cristo pode vir a Terra e dar a conhecer mistérios e facetas antes desconhecidas. Deu oportunidade de redenção à humanidade, a qual era inexistente antes, de acordo com a Lei. Oportunizou a vivência do amor de Deus em termos práticos e profundos. Se Adão não tivesse caído, Cristo não teria morrido e não teríamos a chance de conhecer a Deus como temos oportunidade de conhecer hoje.

O sermão nos fala sobre a destruição da Imago Dei ocorrida pelo pecado, mas também nos fala sobre a possibilidade de reconstrução desta através da fé no Espírito Santo, o qual nos molda novamente. Nos fala sobre a Liberdade, visto que o ser humano criado a imagem de Deus tinha plena liberdade de escolha e esta lhe é restituída quando se deixa envolver pela superabundante Graça.

Explana sobre a Presciência Divina, a qual sabendo que o ser humano cairia não o impediu, pois sabia que a Graça seria muito maior mediante tal acontecimento. Assim, Deus é presente e também é futuro.

Wesley fala sobre o amor que possivelmente não existiria, visto que só amamos porque Ele nos amou primeiro. Haveria um grande vazio em nossa fé e amor.

O sermão nos fala sobre fé, que se desenvolve através das dificuldades e confiança em Deus; e se não fosse à dor ocasionada pela queda não teríamos a oportunidade de praticar a bondade e exercitar o amor pelo próximo.

Enfim, a queda de Adão proporcionou a expressão máxima do amor de Deus pela humanidade, a qual desenvolve em nós a Santidade, a prática das Boas Obras e o Serviço. Quanto mais santos mais felizes somos, quanto mais amados, mais amamos e assim por diante.

Se Adão não tivesse caído não poderíamos viver de modo tão intenso o amor de Deus através da expressão máxima – Cristo.

Este sermão expressa a centralidade da teologia wesleyana – salvação, pois o foco de Wesley era a salvação do ser humano integral; e este sermão explicita de forma clara tais objetivos.

O sermão é vivo, repleto de argumentação lógica e prática. A especulação é de fácil entendimento. Wesley dialoga com o ouvinte de forma apaixonada e inspiradora, levando o ouvinte a imaginar a história cristã sem a queda de Adão e nas terríveis perdas advindas de tal fato. Ele nos faz ver e entender que em todo o tempo Deus está na história (passado, presente e futuro) levando a humanidade de encontro a seu amor inesgotável e inexplicável.

f 2.1.1 O Texto na Vida

O presente sermão nos leva a vários lugares, dentre os quais o púlpito. Quão apaixonadamente os/as pregadores/as metodistas tem levado a mensagem redentora de Cristo às comunidades em que são responsáveis? Que cuidado tem se reservado ao estudo, a formulação de perguntas e profundidade nas mensagens? Quão lógicos e doutrinários tem sido os argumentos com os quais defendemos ou debatemos? Temos de fato um conhecimento profundo dos temas essenciais a fé cristã? Somos realmente gratos a Deus por nossa salvação? Temos vivido os atos de misericórdia e de fé advindos de um encontro real com um Deus de amor, que salva o ser humano de modo integral, ou temos vivido uma fé egoísta; tolhida e desenraizada de prática?

Muitos questionamentos nos sobrevivem, pois vivemos em um tempo de superficialidade indizível, onde as bases essenciais da fé cristã têm sido colocadas de lado ou esquecidas. Talvez por uma superficialidade presente nos/nas próprios/as pregadores/as, naqueles/as que ocupam os púlpitos e ensinam na comunidade de fé. Temos sido influenciados pela modernidade, pelo sucesso e pela negligência. Acredito que enquanto a teologia wesleyana expressa sua centralidade na soteriologia, a teologia moderna tem sua centralidade em vários temas ou urgências, menos no que é essencial – a salvação da humanidade.

f 2.2 “A Livre Graça” Sermão 128

A doutrina da Predestinação tinha ampla aceitação nos tempos de Wesley e era combatida de modo abrangente pelo mesmo. Fazia-se necessário uma boa argumentação bíblica – teológica e racional para que a mesma fosse desfeita e que a salvação pela fé fosse aceita.

Outro desafio era a própria época em que Wesley vivia, o denominado “Tempo das luzes”, em que a racionalidade e o antropocentrismo ganhavam adeptos em todos os lugares através de filósofos, os quais, através de suas teorias aniquilavam a dependência de Deus fazendo do ser humano o centro do universo.

Para tanto, Wesley prega sobre o assunto utilizando todos os recursos a disposição, discorrendo sobre vários pontos, procurando assim deixar claro que a salvação, a Graça é para todos e não somente para alguns poucos eleitos.

A idéia central deste sermão é o combate a doutrina da predestinação e como esta desfaz absolutamente a Graça de Deus para com a humanidade. Wesley combate de modo eficaz e lógico as características perniciosas da predestinação, a qual anula a Graça e o amor de Deus literalmente.

Tal fato leva a outras questões tais como: a nulidade das ordenanças de Deus, ao declínio da santidade e de uma fé descomprometida com o próximo; e por fim a inutilidade da pregação.

Ao falar sobre tal doutrina, Wesley também cita que se assim fosse a Liberdade Humana seria uma grande hipocrisia, haja vista que o destino dos seres humanos já estaria traçado antes mesmo de nascerem.

A doutrina da Predestinação anula por completo a Graça. Wesley chega a dizer que tendo essa doutrina como base, o próprio Jesus Cristo é apresentado como um hipócrita, um fraudador do povo, um mentiroso; pois ao pregar nas variadas cidades sempre deu a entender o chamado de arrependimento a todos e todas.

Wesley afirma veementemente que a Graça de Deus é para todos, é livre, é de graça e que não depende de qualquer poder ou mérito do ser humano. Diz ainda que todo o bem existente no ser humano é decorrente de Deus, o qual é seu autor e dono.

Enfim, a Graça de Deus – a Sua salvação, é para todos irrestritamente.

f 2.2.1 O Texto na Vida

Infelizmente essa discussão não tem tomado a centralidade em debates teológicos em nossos dias, outros assuntos estão no topo da pauta, tais como: prosperidade, sucesso, crescimento, etc.

A doutrina da predestinação é debatida em círculos acadêmicos e raramente há discussões sobre a mesma em nossas comunidades de fé.

Quem sabe podemos sinalizar ou aproximar o tema central do sermão a doutrina da prosperidade; pois há escolhidos e escolhidas que se enriquecem ao seguirem irrestritamente alguns passos. A benção de Deus está sobre eles. O céu, a expectativa vindoura tem se voltado para o agora, o hoje. Há como que uma “predestinação para a riqueza”, e os que a alcançam, com certeza desfrutarão agora de bênçãos especiais. O importante é o agora, o hoje...

Talvez de um modo bem sutil, a discussão Graça x Predestinação tem entrado ou permeado nossas comunidades envoltas em capas financeiras, quem sabe! Mas novamente a superficialidade infeliz de nosso tempo, não nos ajuda a ver além, a identificar algo mais profundo.

Acreditamos que esse sermão esteja tão atual como estava no século XVIII. Devemos observar sobre qual capa ou ênfase ele tem vindo, pois em nossos dias algumas prioridades de antes já não são mais tão importantes e discutidas.

f3 Teologia Paulina



Além dos textos bíblicos utilizados por Wesley para fundamentar seus sermões, os quais em sua maioria paulinos. Destacamos algumas aproximações tais como:

CARNE - Em Paulo vemos a distinção do conceito carne através de duas palavras: sarx e soma. Onde a primeira se refere à carne com relação ao pecado, ela se refere não a carne como corpo, mas enquanto carne pecadora; pois aqui o ser humano se firma na força do mundo⁵⁴. E a segunda se refere ao corpo como o homem inteiro, a pessoa, que podemos chamar de “eu”⁵⁵.

Em Wesley vemos a questão carnal ligada ao ser humano como um todo, tanto a tendência para o mal através do corpo, bem como no enraizamento de suas forças na racionalidade e conceitos distantes da Bíblia. Portanto, há um completo afastamento de Deus quando este ainda não se volta para o Criador.

Portanto, em Paulo o ser humano também é visto de modo integral e particular. Wesley engloba e trabalha o conceito paulino.

A UNIVERSALIDADE DA SALVAÇÃO - Em Paulo o chamado a salvação é universal, transpondo as barreiras do judaísmo vigente. Não há apenas uma nação que deva receber o Evangelho, mas todas precisam receber as boas novas de Jesus de Nazaré.

Wesley se apóia no mesmo princípio paulino de universalidade, combatendo veementemente aqueles que dizem o contrário, como os predestinistas, que afirmavam haver uma prévia Eleição de Deus. A salvação é para todos irrestritamente.

COMUNHÃO - Esse é um termo tipicamente paulino, em que a união pela fé em Cristo se dá mediante o batismo. Esta se dá na prática diária através da comunidade de fé, pois se desdobra em boas obras e em uma fé vivida de forma comunitária⁵⁶.

Para Wesley a comunhão era essencial para o desenvolvimento da fé, bem como para de sua praticidade a nível comunitário. A fé individual é incompleta e se esquece do outro, não assumindo os parâmetros bíblicos.

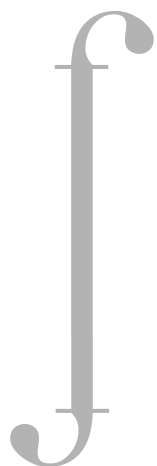
LIBERDADE HUMANA - Em Paulo o sentido de liberdade evidencia três questões: pecado, lei e morte.

A liberdade/libertação do pecado, o qual leva ao egoísmo e ao pensar somente em si mesmo, acontece pela liberdade dada/oferecida por Cristo, na qual a pessoa passa a ter um novo modo de vida e a viver de acordo com a vontade de Deus. Outra ênfase dada à libertação com relação à lei, a qual incitava o homem a pecar mais ainda, ela, portanto, realçava o pecado e não dava a oportunidade e nem propiciava ao homem vencê-lo. Tal vitória é possível mediante Jesus Cristo⁵⁷.

Wesley afirma a teologia paulina quando diz que somente após o sacrifício de Jesus o ser humano pode optar, pois antes este não detinha opção.

GRAÇA – AMOR ÁGAPE - A palavra Graça, conforme já afirmamos, é um conceito que permeia toda a Bíblia e não uma palavra. Esta vem a aparecer na teologia para denominar um amor inexplicável e indizível, que apenas Deus pode dar. Em Paulo vemos este conceito expresso no amor ágape – amor de Deus. Pois há várias definições para a palavra amor no grego e um em especial para sinalizar o amor divino – ágape.

Paulo encara o ágape como aquela força capaz de superar tudo e todos. Que leva a prática da solidariedade, do se chegar e ajudar o próximo sem esperar nada em



Considerações Finais



Ao final deste estudo, podemos afirmar que o tema da Graça constituiu-se na mensagem central de John Wesley, o qual surtiu influência ímpar em seu trabalho.

Desde o momento em que o ser humano se rebelou e tornou-se incapaz de uma reconciliação, a Graça de Deus se expressou de modo abundante. O próprio Deus toma a iniciativa, enviando Seu filho e possibilitando o retorno do ser humano.

Sendo assim, a Graça se expressa através de um Deus absolutamente disposto a reconciliar consigo a sua criação, fazendo com que esteja presente em todo o tempo, e em todos os lugares.

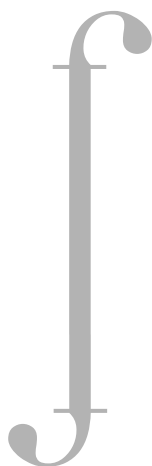
Wesley concordando com a posição paulina respalda sua teologia também neste tema, afirmando que toda a humanidade, mediante a Graça, tem a oportunidade de se reconciliar com Deus.

Wesley assume a centralidade da salvação mediante a Graça em sua teologia, reflexo do que já havia acontecido nos tempos bíblicos com o apóstolo.

Através de seus sermões ele reafirma tal postura e expressa sua total dependência a iniciativa divina de resgate do ser humano.

Podemos afirmar que, dois homens que tiveram um encontro com o Deus da Graça, firmaram suas vidas e formularam suas teologias ao serem resgatados pelo amor de um Deus que está próximo em todo o tempo. Um Deus que expressa seu amor de maneira plena, dando ao ser humano até a liberdade de rejeitá-Lo. Isso é amor verdadeiro, pleno e inexplicável.

Enfim, o amor de Deus ensinado nas páginas bíblicas, ao ser conceituado na teologia se torna Graça; tendo sua essência preservada, abordada e defendida tanto pelo apóstolo quanto pelo teólogo, em suas respectivas épocas.



Referências



BARCLAY, William. **Palavras Chaves do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BULTMANN, Rudolf. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Teológica, 2004.

BUYERS, Paul Eugene. João Wesley: **Avivador do Cristianismo na Inglaterra**. São Paulo: Imprensa Metodista, 1944.

CHAMPLIN, Russel N. **Enciclopédia de Bíblia, Teologia e Filosofia**. São Paulo: Hagnos, 2001.

COLIN, BrowneLOTHAR, Coenen/Tradução Gordon Chown. **Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento**. 2ed, São Paulo: Vida Nova, 2000.

FITCHETT, W. H. Wesley e seu século: **Um Estudo de Forças Espirituais**. Volume I, São Paulo: Imprensa Metodista, 1927.

CONZALEZ, Justo L. Obras de Wesley, **Tratados Teológicos** – Tomo VIII. tradução Nora Redaelli. Providence House Publishers: Franklin, Tennessee. 1998.

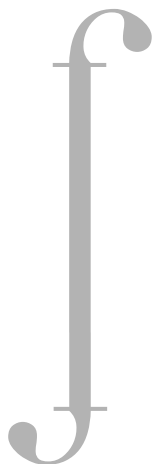
HINSON, Willian J. A Dinâmica do Pensamento de Wesley: **Quatro Estudos sobre a Teologia de João Wesley**. Imprensa Metodista, s/data.

KLAIBER, Walter e MARQUARDT, Manfred. **Viver a Graça de Deus**: Um Compêndio de Teologia Metodista, São Bernardo do Campo: Editeo, 1999.

KUMMEL, Werner. **Síntese Teológica do Novo Testamento**. S. Leopoldo: Sinodal, 1979.

PATTE, Daniel. **Paulo, sua fé e a força do Evangelho**. São Paulo: Paulinas, 1987.

PEARLMAN, Myer. **Conhecendo as Doutrinas da Bíblia**. Flórida: Editora Vida, 1995.



Referências



Revista Mosaico Apoio Pastoral – Ano 13, n.33 – Faculdade de Teologia da Igreja Metodista – UMESSP – janeiro/junho de 2005.

RUNYON, Theodore. **A Nova Criação: a Teologia de João Wesley Hoje.** São Bernardo do Campo: Editeo, 2002.

SIQUEIRA, Tércio Machado. **Tirando o Pó das Palavras (História e Teologia de palavras e expressões bíblicas).** São Paulo: Cedro, 2005.



REVISTA



Edição Nº 1 . Ano 2023

Teologia

& CONTEMPORANEIDADES